

Filosofia e Espiritualidade

Desvendar o mistério da vida significa eliminá-la. Não tenho certezas. Tenho idéias, emoções, ...Uma pessoa cheia de certezas estaciona. Uma certeza basta.

Adenáuer Novaes
Maio/2004

Para uma melhor compreensão de si mesmo é preciso colocar um olhar psicológico e espiritual na história do pensamento humano, para ter acesso a conceitos e idéias, com as quais afina e outras que não compreende ou que não aceita.

Alguns filósofos trouxeram idéias arquetípicas¹, pertencentes ao consciente coletivo da sociedade de sua época. Eram como que tradutores da consciência social e do inconsciente pessoal e arquetípico. Outros, realmente transcenderam sua época e inovaram, levando a sociedade a enxergar mais longe o papel da vida e do destino individual e coletivo do ser humano.

Faço minhas as palavras de Hegel em seu livro “*Introdução à História da Filosofia*”, a respeito dos filósofos, precursores ou anunciadores do significado e sentido da vida: “*A história da filosofia representa a série dos espíritos nobres, a galeria dos heróis da razão pensante, os quais, graças a essa razão, lograram penetrar na essência das coisas, da natureza e do espírito, na essência de Deus, conquistando assim com o próprio trabalho o mais precioso tesouro: o do conhecimento racional.*”

Ciência é apenas conhecimento provisório a respeito de algo e não é nem chega à verdade. O que se pensa ser a verdade, na realidade, tem se tornado algo improvável, do qual não se tem certeza e restrito a uma questão de probabilidades.

O aparelho psíquico (*psiquê*) ou mente é uma construção decorrente do aprendizado do Espírito³ nas experiências vividas. **A aquisição de paradigmas implica na evolução do aparelho psíquico.** Ele se transforma, adquirindo novas capacidades à medida que o ser integra novos paradigmas das leis de Deus. Esse processo de transformação e melhoramento do aparelho psíquico é inconsciente e automático, tendo se iniciado nos primórdios da evolução do Princípio Espiritual.

Por exemplo, a aquisição da razão, na transição entre o Plioceno superior e o Pleistoceno, implicou em alterações na *psiquê*, capacitando-a a novas aquisições adiante. Tal mudança permitiu o surgimento do *ego*⁴, enquanto estrutura funcional interna da *psiquê*, o qual não se confunde com o eu, enquanto consciência de si, cujo atributo principal é representar o Espírito, sendo sua identidade exterior. Enquanto o *ego* desempenha a função de intermediar a relação entre a consciência e o inconsciente, o eu representa a personalidade do indivíduo.

A história do ser humano é a história da evolução do conceito que vai adquirindo sobre si mesmo. É a descoberta gradativa de sua própria *psiquê*. A cada fase da história da humanidade a *psiquê* se revela compatível a aquisição de novos conhecimentos, os quais a alteram gradativamente para novas conquistas do Espírito.

Descobri, em contato com o espiritual e com a atividade clínica, a liberdade de ser, de agir, de pensar, de sentir, dentro de princípios coerentes com aqueles aprendidos e lembrados. Senti-me dono de mim mesmo e livre para entender o universo como meu raciocínio me permitia. O mesmo desencanto com o corpo humano, reprisado com o cérebro, agora ocorria com o que aprendia através da literatura.

Não mais para satisfazer ao meu desejo de realização pessoal e para atender à comunidade, mas para consecução de um plano divino. Sem qualquer megalomania ou exclusividade no que fazia, percebi que trabalhava diretamente num projeto pessoal e divino simultaneamente. Descobri que Deus loteou a realidade, presenteou-a as criaturas. Os pretendentes somos todos nós. Eu descobri que era donatário de um espaço-tempo divino e que nele poderia realizar o que quisesse. A discussão se Deus está ou não presente (parte essencial) nas coisas, isto é, se tudo é Deus ou apenas sua criação é inócua e exclusiva do sistema mental humano.

Percebi que o Criador me colocou no mundo para colonizá-lo, isto é, construir nele aquilo que minha ética pessoal admitisse. Tal mundo não se restringe à vida material, mas à Vida como um todo, incluindo o mundo espiritual. A função de co-criar não se restringe ao campo da matéria, tampouco ao espiritual circundante à Terra, mas ao universo infinito. Tal amplitude vai desde o campo das formas quanto à elaboração de princípios de desenvolvimento espiritual. **O Criador reserva um “*locus*”**

¹ Deriva de arquétipo que são estruturas psíquicas do inconsciente coletivo que determinam padrões ou tendências a comportamentos.

² *Psiquê*, psique ou mente é o aparelho psíquico humano, no qual se processam o pensamento e as emoções. É um campo do perispírito que responde pelos comandos do Espírito na direção do corpo físico e do próprio corpo perispiritual. A *psiquê* atua diretamente sobre as estruturas cerebrais.

³ Espírito, com E maiúsculo, aqui significa o ser espiritual distinto da matéria e sem perispírito, isto é, o princípio inteligente do Universo, conforme questão 23 de O Livro dos Espíritos.

⁴ O *ego* é o centro da consciência e tem a atribuição principal de ligá-la ao inconsciente.

*virgem*⁵ a cada ser, à medida que ele ultrapassa a linha limítrofe das possibilidades de conhecimento nas lides materiais.

Tenho compreendido a *psiquê* como um dos campos pelos quais o Espírito se conecta a Deus. A percepção dessa conexão reduz a dependência entre o ser e Deus. Tal dependência, por enquanto, desloca a auto-referência para a adoração de entidades espirituais. Essa adoração, muito embora possa, quando bem conduzida, contribuir para o desenvolvimento e evolução do espírito, retarda-lhe o processo de amadurecimento e de descoberta da própria vontade autônoma.

Essas descobertas trouxeram-me novo encantamento. Estou presentemente encantado com Deus. Com aquilo que creio ser seu plano para comigo. Acredito que ele legou o mundo para que o ser humano se encontrasse e pudesse, para sempre, semear e construir, a fim de compreender que o resultado de tudo é o próprio Deus. Deus não é o mundo e a realidade que se mostra ao ser humano, mas a realidade e o mundo fazem parte de Deus.

Meu encantamento deu continuidade ao me apropriar de alguns conceitos que me fizeram alcançar a consciência, porém ainda não concretamente realizada, de que **é preciso ir-se com a máxima coragem de viver a vida e com a máxima liberdade de decisão própria**. Sem isso o espírito estará aprisionado às teias da imaginação e à pobreza de percepção do sentido e ao significado da vida. Sem adquirir a autonomia de viver e a capacidade de autodeterminar-se, não há felicidade possível.

Tal sentido implica no viver, cujo prêmio é a realização possível do ser individual, exequível através de suas ações. Eximindo-se do viver e do experienciar a vida, torna-se impossível alcançar o ser que se deseja para si. A realização pessoal não é, como pensa alguns, o ascetismo ou a vida fora da existência presente. É alcançar a dignidade de viver no mundo independente das contingências dele.

Deus e Espírito: par de opostos. Deus nos criou com algo interno que implica em Sua própria contradição. Colocou-nos em oposição a Ele mesmo, condição sem a qual a busca por integrar-se seria impossível. A compreensão da relação dialética do Criador com a criatura, isto é, dos opostos, é um grande passo para a felicidade. A procura de Deus é o encontro consigo mesmo. Não há um Deus fora nem dentro, mas um Deus que se realiza no humano. Meu encantamento me leva à consciência de que não sou Deus, de que Ele não está em mim, de que Ele não vive fora de mim, de que Ele não é o mundo, de que os mais respeitáveis adjetivos atribuídos a Ele não correspondem à sua totalidade, de que Ele é, de que minha existência se dá Nele. Não estou indo ao encontro de Deus, mas creio que descobrirei que sempre estive nele.

Meu encantamento me fez perceber que **é preciso ter fidelidade à própria lei, como o caminho para o desenvolvimento de uma consciência autônoma e autodeterminada**. Esse caminho é o do próprio indivíduo, que é por ele considerado o melhor e mais eticamente desejado. Seguir um método religioso ou social é uma escolha que deve ser, em dado momento, abandonada, quando dela já se estiver extraído as linhas mestras do viver. Após esse abandono, segue-se o próprio caminho, cuja ética, certamente, suplanta aquela conhecida e assimilada. A lei a que me refiro é aquela construída pelo próprio Espírito, com ou sem a ajuda das religiões e filosofias conhecidas. Isso não implica no abandono daquilo que se aprende como norma religiosa, nem tampouco a adoção de regras próprias sem a consciência das conseqüências de tal decisão. Paga-se um preço alto por se seguir a própria lei. O preço da solidão interna e do sacrifício de determinar seu próprio destino em detrimento do ideal coletivo e mundano.

Meu encantamento aumentou quando decidi me libertar de “Deus”, isto é, daquele construído pela consciência coletiva, ao qual se atribuiu poderes humanos superlativos. Libertei-me daquele “Deus”, decretado morto por Nietzsche. Descobri que, **qualquer que seja o Deus que se acredite, é preciso libertar-se dele**. Sem liberdade em relação ao Deus que se acredite não é possível transcender.

Encanto-me cada vez mais com a existência e com o mistério que há nela. Após meus estudos de física quântica, encantei-me com a vida, pela diversidade da própria natureza. Nada é igual. Tudo é diferente. Só há uma lei e ela está no ar, na vida, na natureza, na consciência, no coração e nos universos.

Em sua evolução, considerada como complexidade consciente crescente, o ser humano caminha para a autoconsciência. Ele nasce inconsciente de si mesmo, desenvolve aptidões, trazendo à

⁵ Espaço tempo nunca antes alcançado por outro Espírito. Campo de co-construção do Espírito que já saiu da roda das encarnações.

consciência o que apreende a partir de suas estruturas inconscientes (arquétipos). A autoconsciência é a consciência de si e do mundo. É um processo indubitável no qual não há retrocesso nem possibilidade de fuga.

O espiritismo se apropria do conhecimento da humanidade, numa espécie de sincretismo religioso, filosófico, sociológico e psicológico do saber humano, propondo uma visão mais ampla, sem se distanciar da época em que foi formulado. Nele se encontram antigas teses reorganizadas e agrupadas visando a compreensão de uma nova idéia ou paradigma. Nesse sincretismo encontramos também os paradigmas que sustentam as bases científicas modernas. Por exemplo, a idéia da fé raciocinada é anterior à apresentação pelo espiritismo e já era aceita na época do lançamento de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, tendo sido base para a compreensão da realidade espiritual e dos fenômenos espíritas.

Observei que, embora à primeira vista pareça que os filósofos e pensadores teriam sido os únicos responsáveis pelas suas idéias, uma análise mais atenta sobre o conjunto do conhecimento humano revela que cada um deles dá uma contribuição específica à compreensão da realidade existencial. É como se cada um deles fosse um elemento, o qual participasse de um grande colar cheio de contas preciosas, cujo brilho ressalta o valor individual e coletivo.

Meus objetivos contemplam uma maior compreensão a respeito da evolução do conhecimento humano, bem como do aparelho psíquico. **Creio que a mente humana, ou *psiquê*, ou ainda, aparelho psíquico, se estrutura ou se constrói à medida que o saber se desenvolve. A complexidade crescente da consciência reflete-se na estrutura psíquica humana.**

Por muito tempo se pensou que os campos material e espiritual da Vida, por se oporem em certos aspectos, deveriam ser objeto de escolha. Dever-se-ia declarar-se materialista ou espiritualista. Não se poderia optar por um sem desprezar o outro. Quem optasse por viver mais declaradamente um deles, receberia a pecha de materialista ou de espiritualista. Isso estigmatizava qualquer das escolhas. Uma opção implicava a negação da outra. Evidente que os materialistas se achavam certos, tanto quanto os espiritualistas. Agora, à luz do espiritismo, se percebe que ambos os aspectos são inseparáveis e que devem ser vividos responsavelmente, de forma integrada. Viver a vida material com seus desafios e experiências enriquecedoras colocando nelas o sentido espiritual, significa possibilidade maior de crescimento do que renegar a realidade do espírito e a continuidade da existência após a morte. Da mesma forma, viver consciente da vida espiritual sem negar a importância e necessidade das experiências materiais, extraindo delas o aprendizado emocional que contêm, é ter certeza de conseguir um rico crescimento interior. Vida material e vida espiritual são campos de realização do Espírito imortal. **São impagáveis, irrepetíveis e singulares as experiências vividas em cada um dos campos.** São experiências contíguas e contínuas, mas diferentes. Mesmos as sensações de se estar repetindo uma experiência diferem da real vivência anterior.

Quando se diz que um sistema é filosófico apenas porque responde a meia dúzia de interrogações genéricas a respeito da causalidade do mundo e do destino humano, reduz-se a compreensão tanto de um como de outro. Para que um sistema de idéias possa efetivamente ser chamado de uma filosofia é necessário que sejam apresentados argumentos consistentes, os quais atendam a requisitos internacionalmente reconhecidos. O espiritismo não é uma filosofia só porque o queremos ou por responder alguns quesitos genéricos. Pelo mesmo motivo não seria uma ciência apenas por ter uma parte fenomênica. Ele estará se construindo como um saber científico na medida em que apresentar os protocolos típicos das ciências. Da mesma forma, tornar-se-á uma Filosofia na medida em que seus estudiosos apresentarem uma coerente epistemologia e uma consistente teoria do conhecimento, de forma a caracterizá-lo como tal.

Um saber é uma explicação baseada numa linguagem compreensível. É uma redução limitada ao psiquismo coletivo, à época e ao meio, a respeito da realidade apreendida. Tal realidade deve ser compreendida como aquilo que é simbolicamente e arquetipicamente construído no psiquismo humano. Portanto, **o saber é uma representação do que se acredita ser a realidade, construído simbolicamente. A *psiquê* ou mente se localiza no perispírito.**

Um olhar espiritual sobre o saber filosófico talvez nos leve a uma melhor compreensão da natureza humana, tendo em vista a impossibilidade de que esta seja alcançada sem as percepções superiores do Espírito. É inegável que a visão espiritual contribui para uma maior percepção da

realidade. Isso não exclui a compreensão das estruturas psicológicas, cuja consideração é fundamental para um melhor entendimento da natureza espiritual do ser humano. Isso quer dizer que as estruturas psíquicas (inconsciente, arquétipos, consciência, *ego*, etc.) são imprescindíveis àquela visão.

Parece-me que, até então, a filosofia tem contribuído para a espiritualização do ser humano, mesmo que timidamente. Quando apresentou uma visão materialista da realidade, sobretudo no período que compreende o racionalismo, o empirismo e o iluminismo, não deixou de trazer benefícios ao real significado das questões espiritualistas. Tal visão, antes de ter sido um prejuízo, ou contrária a espiritualidade, tornou-se um reforço para a solidificação das raízes e vínculos do Espírito a um centro referencial criador. Nenhuma ave voa sem ter partido de um ninho construído ao abrigo da terra, nem tampouco sem saber que haverá aonde pousar.

O mecanismo pelo qual o Espírito apreende o saber é algo ainda nebuloso. O que é o Espírito em sua essência é a pergunta chave para a compreensão daquele mecanismo. Ainda compreendemos o saber em termos de conhecimento das coisas e do mundo, acrescido da internalização de virtudes específicas. Relacionamos aquele mesmo saber a uma super memória ou à capacidade de armazenar experiências no tempo. O Espírito, no seu grau máximo de sabedoria, seria visto, ou se assemelharia, a um grande reservatório de conhecimentos e virtudes. Não deixa de ser uma visão romântica da evolução, porém simplória.

A função do perispírito, pouco explorada na dimensão psíquica, se presta a uma melhor compreensão a respeito da forma de apreensão do conhecimento. É exatamente me apropriando do saber psicológico que trago algumas idéias a respeito. Considerando que do Espírito nasce o impulso para a própria existência, ou seja, sua existência é impulso para a própria vida, é necessária a existência de um outro ser para que o conhecimento se dê. O impulso nasce do Espírito, enquanto Princípio Espiritual, levando-o a esbarrar-se na matéria, isto é, no meio circundante. Tal encontro promove a geração do embrião da futura estrutura psíquica fundamental para a aquisição do saber e, portanto, para sua evolução.

Essa estrutura psíquica, protótipo da *psiquê*, servirá como filtro decodificador da recepção pelo espírito daquilo que surja a partir de sua relação com o objeto que se lhe opõe. A relação Princípio Espiritual x Objeto (matéria ou outro Princípio) gera algum tipo de informação, além de construir a estrutura que servirá de intermediária entre um e outro. Essa estrutura intermediária não ficará nem em um nem no outro, mas servirá de ligação entre ambos. Nessa estrutura embrionária ficarão os registros das experiências resultantes do ser em evolução. Em algum momento do processo de desenvolvimento e por conta daquela relação, surgirá o organismo denominado de perispírito.

A primeira percepção possível por parte do Princípio Espiritual será mitificada devido à existência necessária e fundamental daquele filtro. O objeto não é acessível ao Espírito, mas apenas sua impressão simbólica a respeito dele. A primeira idéia que se tem de algo é idealizada, portanto, distante das características reais da coisa em si. O conhecimento a respeito das coisas é primeiramente universal ou, utilizando-me de uma linguagem junguiana, arquetípico. Isso pode ser reconhecido como transferência, pois ao objeto atribuímos características coletivas, baseando-nos, inconscientemente, naquilo que nos parece e de acordo com tendências arquetípicas estruturais da *psiquê*. O mecanismo da transferência é automático. A realidade, primeiramente, é simbolizada, e depois transformada em elementos que se tornarão paradigmas para outros conhecimentos. O símbolo preliminarmente criado, com o tempo e com a aquisição de outros conhecimentos simbólicos, vai se dissolvendo e se transformando num saber específico, o qual servirá de elemento ou *engrama*⁶ psíquico para a construção de algo novo e mais amplo.

O conhecimento se dá através de estruturas cuja existência é *a priori*, portanto pertencem à criação do Espírito enquanto Princípio Espiritual. É parte componente da criação daquele elemento. Aquelas estruturas, em essência, já existiam antes do conhecimento em si, mas têm sua atuação ativada à mesma época das primeiras experiências do Princípio Espiritual no contato com a matéria. Está implícito que o Espírito foi criado com a capacidade de conhecer. Tal capacidade gera o elemento (perispírito) que permitirá sua ligação com a matéria. À semelhança dos arquétipos junguianos, parece que aquelas estruturas conduzem o processo de aprendizagem do Espírito.

⁶ Unidade básica de informação a respeito de algo que é gravada na *psiquê*.

Podemos entender o Espírito como algo que se auto-organiza, ao longo de sua evolução, de acordo com a apreensão das leis de Deus. Isso sugere que os *engramas* resultantes de suas experiências não se situam em sua intimidade, mas na estrutura auxiliar de filtragem, no perispírito.

Tratei desse tema no livro *Psicologia do Espírito*, o qual recomendo ao leitor. Ali afirmo que “**Ao Espírito só chegam as Leis de Deus**”, e isto quer dizer que o perispírito desempenha papel importante na aquisição do conhecimento. A afirmação filosófica de que “nada vai ao intelecto senão pelos sentidos” pode ser confirmada e ampliada se incluirmos a noção de perispírito. De fato, nada chega ao Espírito sem passar por esta estrutura intermediária que é de natureza semi-material, dotada de capacidades mais amplas que o corpo humano com seus limitados sentidos físicos. Portanto, nada vai ao intelecto (Espírito) se não passar pelos sentidos (perispírito).

Confunde-se consciência, enquanto campo da *psiquê*, com a faculdade de ter conhecimento a respeito das coisas. Consciência enquanto campo é limitada à sua capacidade perispiritual de armazenar dados e de fazer conexões lógicas. Consciência, enquanto conhecimento a respeito das coisas, portanto, saber, no sentido de denominar e relacionar experiências, é uma função da *psiquê*. O Espírito nem é uma nem outra coisa. Ele usa ambas em seu processo de aquisição das leis de Deus. A sabedoria de um espírito não se mede pelo seu conhecimento, tampouco pela sua memória, nem mesmo pela capacidade de fazer conexões lógicas. Tal sabedoria se encontra em seu próprio ser, quantificada por Deus, a qual pode ser observada pelas habilidades em apreender cada vez mais a realidade, a serviço de sua evolução.

Difícil é determinar com precisão o grau de evolução de um espírito. Seria necessário, para se ter maior precisão, penetrar-lhe aquele conhecimento a respeito das leis de Deus, isto é, saber quantas e quais já internalizou. Por enquanto utilizamos para tal avaliação a manifestação das virtudes, símbolos daquelas leis.

O conhecimento do Espírito não é o acúmulo de experiências nem a aquisição de informações sobre o mundo externo. Tal conhecimento depende de experiências com o mundo externo e se alicerça na renovação de informações a respeito da natureza. O conhecimento que se enraíza no Espírito é de natureza capaz de compreender os princípios de funcionamento do universo a sua volta. É o conhecimento de como ele funciona e do que é o próprio ser que o conhece. Em resumo, é o conhecimento das leis de Deus e da consciência de Deus em si mesmo. O processo de aquisição do conhecimento passa pelo perispírito e não é a aquisição de informações e de virtudes teológicas, mas de capacidades de existir em Deus.

O advento do cristianismo introduziu discussões filosóficas ligadas à existência de Deus e ao caráter do conhecimento religioso. Modificou os rumos da filosofia especulativa, impondo o domínio da religião sobre a filosofia, cuja alforria veio a acontecer após o início do racionalismo. A Filosofia ocidental nunca mais foi a mesma após a entrada das questões religiosas e teológicas no campo da especulação metafísica. Quando a imortalidade do espírito e a mediunidade entrarem no domínio da Filosofia, esta se modificará, ampliando seus horizontes. O advento do cristianismo fez surgir uma espécie de filosofia cristã, portanto com características diversas da filosofia grega original. As questões teológicas predominaram sobre outras que certamente conduziram o ser humano à percepção de si mesmo de forma mais direta. O dogma teológico predominou sobre a liberdade criativa.

O surgimento do cristianismo significou uma intervenção no psiquismo humano. Levou-o de retorno ao inconsciente sagrado monoteísta. Permitiu-lhe uma percepção embrionária do significado de Deus. Levou-o a focar sua atenção na existência do *si mesmo*. Possibilitou, de certa forma, a conscientização da existência das capacidades mediúnicas. Alcançou uma maior valorização das percepções intuitivas, não sensoriais. Levou-o a uma maior referencialização em Deus, em detrimento de uma ausência de referencial psíquico superior. Facilitou o surgimento de maiores possibilidades de representação do *Self* através da criatividade. A entrada (intervenção) do Cristo na História ocidental representa um redirecionamento da *psiquê* na direção da percepção do *si mesmo*, que não estava sendo alcançado pelo pensamento/conhecimento humano.

Muitos ainda confundem o saber religioso com a prática religiosa. O primeiro compreende uma série de princípios, cuja inércia promove, de um lado, sua manutenção, e de outro o enquadramento canônico responsável por atrofia psíquicas. A segunda, muito mais dinâmica, submete-se ao espírito

⁷ Arquétipo central que impulsiona o ser humano para a individuação. Expressa também a unidade e a totalidade da personalidade global do indivíduo.

da época e a contingências culturais, políticas e sociais, flexibilizando o primeiro, permitindo-lhe constante atualização. No que diz respeito ao espiritismo, podemos afirmar que há uma religião espírita e uma prática conseqüente. Questiuñculas sobre ser ou não ser um saber religioso decorrem da dificuldade em se diferenciar ambos os aspectos. O espiritismo não deve ser compreendido como uma religião quando o termo é empregado como revelação dogmática ou como profissão de fé. Quando o termo religião é entendido como uma atitude íntima, particular, transcendente de contato com o sagrado e *numinoso*, cuja possibilidade o espiritismo oferece, então pode ser aplicado. A religião promovida pelo espiritismo leva o ser humano, além da consciência da existência dos espíritos, a perceber a presença de Deus em todas as coisas e nas mais complexas e simples experiências da vida. Não oprime nem impõe sacrifícios, pois liberta a consciência para a percepção das mais intrincadas questões da vida. Religião não deve ser uma convenção ou uma questão de moral coletiva, mas uma responsabilidade individual perante Deus. Nesse sentido, a religião se torna algo estritamente íntimo e pessoal.

A prática religiosa, qualquer que seja, atualiza, através do rito, os princípios sobre os quais ela se assenta. Isso não implica na mudança de paradigmas, pois estes pertencem a um campo mais amplo do qual a prática geralmente está ausente e o desconhece. Se, por exemplo, estivéssemos pensando a respeito do princípio da imortalidade da alma, tentando estabelecer a diferença entre seu caráter tipicamente canônico e a forma como ele é vivido pelos que nele acreditam, veríamos um abismo muito grande. O princípio, embora real, é vivido como uma maldição ou como algo negativo, do qual se foge e ao qual se teme. A vida não é vivida considerando a imortalidade, mas sim como se tudo acabasse com a morte do corpo.

A religião, como conexão com o divino, mesmo da forma tradicional como é professada, preenche uma necessidade interna de equilíbrio em face da existência da *sombra* e do “mal” interior. Nesse sentido ela é instintiva, portanto inconsciente. Com isso, quero dizer que ela é necessária e fundamental para o equilíbrio psíquico. **As inconsistências percebidas pelo ser humano em face de sua incompreensão da realidade, provocadas pelas estranhezas na natureza e pelos mais obscuros processos criados por Deus, geram um vazio psíquico a ser preenchido pelo sagrado.** Esse sagrado vai compensar aquelas incompreensões no ser humano. Mesmo que se criem filosofias de cunho materialista, mesmo que se negue a existência de Deus e se elimine o desejo de viver uma religião ou se racionalize a existência, ainda assim o vazio naturalmente existente na *psiqué* pedirá algum tipo de preenchimento. Quanto mais polarizado o ser humano no radicalismo racionalista ou na negação do divino, mais surpreendente será sua conversão religiosa. O *ego* será surpreendido em algum momento com uma fantástica experiência *numinosa*. Não se pode fugir do misterioso e doce encontro com o divino.

Diferente da religião, a filosofia é autônoma e independente de cânones, sejam religiosos, políticos ou de qualquer natureza. Ela não se ocupa exclusivamente em questionar o fato, mas também especula sobre suas causas e sua natureza, bem como sobre as implicações decorrentes. A religião, como tradicionalmente é entendida, implica na aceitação de uma revelação, em uma verdade aceita tal qual recebida e originada de algo superior, geralmente testemunhada por um líder carismático. Sobre essa revelação geralmente não há investigação. O espiritismo, embora seja considerado um saber religioso, não preenche aquele requisito, pois não é revelação aceita sem investigação. Se analisarmos o espiritismo considerando as observações acima, teremos que admitir que as contendas sobre se ele é ou não religião, são pobres por falta de argumentos consistentes, de considerações mais profundas e de estudos menos apaixonados.

O cristianismo, enquanto movimento popular, surgiu após a morte de Jesus, quando seus apóstolos se reuniram para decidir os rumos do movimento nascente. Em seguida às diretrizes estabelecidas para aquele movimento surge a Igreja, a qual mais tarde se tornou Católica. Gradativamente a Igreja católica, ao longo de sua história, foi colocando acessórios da consciência nas idéias “*selficas*” do Cristo, modificando a prática de sua mensagem. Quando me refiro a Igreja católica quero afirmar que ela se apresenta ou representa a religiosidade formal e se configura como uma contenção ao poder espiritual sem limites. É uma forma institucional de restrição ao espiritual de forma popular e absoluta. Tal poder estava presente na magia e manifestava-se em toda classe de seitas mediúnicas e sociedades secretas. A criação da Igreja, ou de qualquer religião formal ou confissão de

fé religiosa, contém a imagem arquetípica do sagrado. A formalização de uma religião é uma necessidade psíquica para educar o espiritual arrebatador.

A oposição entre o platonismo e o aristotelismo, representada pela dialética gnosiológica entre a subjetividade e a sensoriedade, persiste até os dias de hoje, sem que se encontre uma saída adequada a essas tendências opostas. Por algum tempo, os pais da Igreja assumiram uma posição platônica, porém, por conta da necessidade de compatibilizar suas teses com a dinâmica social, adotaram o aristotelismo, caracterizado pela lógica pragmática. As teses platônicas, inclusive a respeito da imortalidade da alma e da reencarnação, foram abortadas, trazendo prejuízos à compreensão do ser humano a respeito de si mesmo. O cristianismo deveria ter adotado tanto o platonismo como o aristotelismo. Certamente ganharíamos todos. Toda polarização implica em perda. Frente a essas duas tendências do pensamento, o cristianismo nascente adotou a tendência natural ao platonismo, porém, ao mudar para o aristotelismo adiou a transcendência exigida pela *psiquê*, a qual necessita de uma e de outra condição. O processo de amadurecimento do Espírito requer subjetividade e pragmatismo. A escolha de uma dessas atitudes diante da vida, excluindo a outra, implica em atraso evolutivo.

Diante de tais tendências filosóficas, o cristianismo seria uma opção transcendente, se não tivesse se tornado uma Igreja aliada ao Estado. Por ter se tornado popular e por conseguir um certo domínio sobre grande parte da população, a Igreja foi cooptada pelo Estado, o qual distorceu os princípios cristãos por conta de contingências políticas. O Estado é uma instituição necessária, porém não absoluta. Ao se aliar ao Estado, a Igreja perdeu suas características transcendentais. Filosofia, Religião e Poder Político são instâncias distintas na vida do ser humano, porém se misturaram de forma prejudicial na mente humana. A Filosofia foi cooptada pela religião cristã e esta teve o mesmo destino daquela, pela supremacia do Estado. É fundamental que tais instâncias sejam compreendidas em suas dimensões distintas. Não é do domínio religioso direcionar incursões filosóficas, tampouco pertence ao Estado o direito de legislar ou teorizar sobre Religião. Apenas a filosofia pode e deve levantar questões a respeito de ambos, assim mesmo trazendo idéias provisórias.

As idéias cristãs vieram para preencher aquele vazio da *psiquê* que ansiava pelo encontro com o divino. Não é uma filosofia ou um conjunto de regras sociais, mas uma possibilidade de auto-compreensão. Não é síntese nem se presta a confirmar as teorias do Estado nem da Filosofia. O cristianismo veio para propor novos paradigmas ao ser humano. De alguma maneira isso ocorreu, principalmente no que diz respeito a fé religiosa, a qual não mais se limitou ao culto externo nem a adoração sem transformação interior. As transformações na *psiquê* promovidas pelo cristianismo encontram correlatos nos adeptos de outras religiões. Estas também provocaram alterações na *psiquê* de seus adeptos, colaborando para a aproximação com o sagrado. Não se nota diferenças significativas quanto a estrutura da *psiquê* e a capacidade de conexão com o divino entre os povos de diferentes religiões. O que o budismo, por exemplo, fez aos seus adeptos, o cristianismo também o conseguiu aos seus. Tudo indica que é absurdo pensar na hegemonia de uma religião, da mesma forma que é incongruência acreditar no domínio de um povo sobre outro. Embora possamos conceber o futuro da humanidade terrena como uma só família, não se admite o predomínio de uma só forma de religião, mas certamente as idéias centrais de todas elas serão fundamentais para o equilíbrio de todos.

Parece-me que as religiões da humanidade, sejam pequenas ou grandes, estão se aproximando gradativamente. Isso não se deve aos seus dogmas nem à liderança de qualquer delas, mas a um certo amadurecimento psíquico coletivo, que conduz o ser humano simultaneamente ao pragmatismo e a espiritualidade. Aparentemente a razão substituiu o mito e o dogma, porém não resolveu o enigma do espírito, o qual permanece desconhecendo a si mesmo. **O mito, representante material do arquetipo, ocupa o lugar da ignorância na *psiquê*, isto é, preenche momentaneamente o vazio, que pode ser nomeado como desconhecimento das leis de Deus pelo Espírito. O dogma paralisa tal conhecimento, muito embora aponte para ele.** A razão estaciona a possibilidade da compreensão profunda, anulando outras possibilidades de acesso ao conhecimento. A razão, embora explique o externo, não é em si suficiente para que o Espírito compreenda a si mesmo, tampouco permite saber como funciona o aparelho que lhe serve de contato com o mundo: a *psiquê*. À razão devem ser acrescidas outras formas de compreensão da realidade para que o Espírito, enfim, acesse e alcance o conhecimento das leis de Deus.

A saída do mito, do ritual e das formas de manifestação do arquétipo, pressupõem a ampliação da experiência do ser em evolução. Tal ampliação se dá na medida em que o ser humano se autotransforma e se auto-determina, percebendo-se cada vez mais como espírito eterno em evolução. A religião moderna (sem rituais) deve ser mais do que adoração, culto, ritual ou crença em milagres. O que deve ocupar o lugar do ritual? O que inserir para manter a energia do sagrado sem massificar? Creio que a resposta está na forma de vivenciar a religião, a qual se torna um instrumento facilitador do encontro do ser humano consigo mesmo e com Deus em si mesmo. A religião, o culto ao sagrado é uma necessidade psíquica. A religião, como fim em si mesma, torna-se modelo de aprisionamento da individualidade; como caminho para escoar a necessidade psíquica de contato com o sagrado, torna-se mecanismo de ampliação das potencialidades humanas. A religião sempre trabalhou com idéias de que a “salvação” está fora do ser humano. A adoração ou culto externo sempre foi projeção e um equívoco da religião.

O cristianismo parece uma representação possível e uma atualização do culto ao divino ou sagrado. A necessidade de representação do *Self* (Deus interno) é exteriorizada na forma religiosa. Parece-me que cada religião apresenta uma faceta daquele *Self*. O Deus interno é como uma rosa e as religiões são suas pétalas. O Cristo viu a rosa, a roseira e o jardim.

Somos um conjunto, enquanto encarnados, constituídos de três elementos distintos: Espírito, perispírito e corpo físico. O Espírito é inteligência e subjetividade pura, no qual se integram as leis de Deus, à medida que evolui. O perispírito é uma estrutura funcional que se presta a ser o intermediário do Espírito em suas experiências de aquisição das leis de Deus. No perispírito encontra-se uma estrutura, dentre outras, ou órgão funcional, responsável por diversas atividades úteis ao Espírito, que se chama mente, *psiquê* ou aparelho psíquico. O corpo físico é outra estrutura funcional que serve ao Espírito nas diversas experiências do nível material mais denso. A formação da mente se dá nos primórdios da evolução do princípio espiritual, em cujas experiências vai se tornando gradativamente mais complexa e capaz de funções específicas e úteis ao Espírito.

A mente se situa no perispírito, sendo um órgão flexível e funcional a serviço do Espírito. É através dela e de sua capacidade de servir de instrumento ao Espírito que este opera a matéria. Sua condição semi-material permite grande flexibilidade e capacidades supra-humanas. À medida que o espírito evolui, adquirindo conhecimentos a respeito das leis de Deus, sua mente se reorganiza para o desempenho de novas e mais complexas funções. Suas capacidades vão se ampliando, aumentando suas faculdades, permitindo novas compreensões das leis de Deus. Quanto melhor o instrumento, maior a possibilidade de aprendizado e mais eficaz o desempenho perante a realidade.

A história da evolução do ser humano é a mesma do desenvolvimento de sua capacidade de entender o mundo e de compreender sua mente. Mesmo que seja difícil, pode-se, para efeito de compreensão da mente humana, separar o indivíduo de seu aparelho de captação da realidade. O aparelho psíquico, a mente, é um órgão funcional que permite ao espírito apreender as leis de Deus, razão para qual existe. Ao atingir o estágio de total apreensão das leis de Deus, sua felicidade será plena, estando então capacitado a assumir outras missões em sua infinita evolução.

Nas diversas fases da humanidade pode-se observar o desenvolvimento dessa mente para que o ideal da felicidade seja alcançado. A mente primitiva ocupava-se em conhecer o mundo enquanto objeto de projeção de sua própria *psiquê*. A mente civilizada dos dias atuais ocupa-se em auto-conhecer-se para oferecer ao Espírito condições de apreender as leis de Deus. A mente futura estará se ocupando em apenas dar lugar ao *Self*, enquanto função de orientação para a individuação.

O processo é cumulativo. Não há substituição de uma mente por outra, mas a ampliação da capacidade de apreensão da natureza e de si mesmo. A cada nova fase da evolução do ser, sua mente se torna mais desenvolvida e apta a servir de instrumento eficaz ao espírito. A mente humana mais evoluída acumula a criatividade, a capacidade filosófica, a conectividade com o divino, o criticismo cético racional, o empirismo básico e a percepção do espiritual. Tais competências não se perdem, ao contrário, desenvolvem-se a serviço da evolução do Espírito. Foram adquiridas nas várias fases da civilização e nas relações estabelecidas pelo ser humano com o meio e com seu semelhante.

³ Estrutura psíquica, arquétipo central, o qual representa a totalidade da personalidade, bem como o centro orientador e ordenador da vida. É responsável pela condução do processo de individuação ou encontro consigo mesmo. Representa o deus interno.

A experiência pessoal, a vivência emocional, as relações que são estabelecidas durante as várias existências do espírito, formarão o saber das leis de Deus. Muito embora nada substitua a experiência pessoal, a evolução se dá também por conta das vivências coletivas. Há uma espécie de ressonância perispiritual, que contribui, mesmo que sutilmente, para o desenvolvimento psíquico. Por imitação ou indução, existem modificações perispirituais não decorrentes de experiências pessoais. São pequenas, tais modificações, mas suficientes para ampliar a evolução da mente humana.

Mente criativa

A mente primitiva de nossos ancestrais recém saídos da fase animal irracional, era extremamente criativa ou mítica. Criativa por conceber imagens novas para os objetos com os quais interagia. Os primeiros seres humanos, recém saídos do longo período animal, em cujo inconsciente se encontravam apenas os paradigmas (sobreviver, alimentar-se, acasalar-se, etc.) e imagens típicas do aprendizado animal, não poderiam agir frente ao mundo com a racionalidade tal qual hoje se possui.

O primeiro contato da mente primitiva com algum objeto externo levou-a a criar uma imagem idealizada do que via, juntando elementos que se encontrava em seu inconsciente e na consciência pré-humana. Os elementos inconscientes vieram de suas anteriores experiências no mundo material, como princípio espiritual, bem como no mundo espiritual. Os elementos conscientes eram poucos e a consciência ainda era muito primitiva para elaborar algo muito consistente sobre o objeto ou a experiência. Isso empobrecia a experiência, levando o Espírito a ter obrigatoriamente que repeti-la muitas vezes, até, a partir da idealização inicial, submetê-la a transformações e chegar ao paradigma da lei de Deus que deveria integrar ao seu saber. O processo é longo, mas eficaz. Sem referenciais anteriores, a mente criativa elaborou símbolos diversos para compreensão daquilo que configurava como realidade à sua frente. Tal processo persiste inclusive no estágio atual de desenvolvimento da *psiquê*, porém com maiores possibilidades de compreensão não simbólica da realidade.

Para se apreender as leis de Deus, motivo pelo qual o ser humano se encontra encarnado, é necessário viver experiências. Múltiplas experiências, as quais fornecerão elementos psíquicos para outras tantas mais complexas. Algumas vezes o espírito precisa repetir várias experiências em torno de um mesmo objeto de ocupação para consolidar um saber.

O processo de aprendizagem inicia-se com a formação de um símbolo, o qual será vivido intensamente até esgotar sua força mágica, responsável pela busca incessante em compreendê-lo. O processo de aprendizagem é associativo. Associam-se componentes externos a engramas internos por via das sensações físicas e perispirituais.

Chamar a mente primitiva de criativa, ou denominar de primitiva a mente dos primeiros seres humanos, não nos leva à compreensão precisa do processo de aquisição do saber. Hoje o ser humano tem a mesma capacidade de apreender a natureza como o primitivo. O processo é o mesmo. A diferença está na riqueza dos elementos paradigmáticos adquiridos.

Mente filosófica

À mente criativa e simbólica do ser humano primitivo, segue-se a mente filosófica. A tentativa de explicar a natureza e seus processos é típica da busca por sair do mundo mágico do primitivo. Saída do choque inicial que a levava a simbolizar, a mente entrou numa fase chamada de filosófica, mais complexa, que a tornava capaz de denominar as coisas e experiências de acordo com critérios subjetivos, porém mais próximo do senso comum. Em alguns casos a denominação era pelo uso, em outros, pelas emoções que suscitavam e, na maioria dos casos, por um certo senso estético e sensorial.

A mente filosófica estava à procura da essência das coisas. Era uma procura externa, que não levava o Espírito à percepção de si mesmo nem do aparelho psíquico. A tentativa era explicar o mundo e a natureza íntima das coisas. Os elementos materiais eram reduzidos à sua mínima essência visando servir de explicação para a totalidade do mundo. A água, o fogo, o ar e a terra eram os tais elementos básicos explicativos de todos os fenômenos da natureza. Importava mais explicar o mundo do que a si mesmo. O ser humano, para a mente filosófica, era o farol que iluminava o mundo e que não poderia ser iluminado. Fundamental era iluminar o externo para entender a vida.

A mente filosófica permitiu e permite ao ser espiritual indagar o que acredita compreender, visando atingir o ponto mais profundo a respeito daquilo que o leva ao conhecimento das leis de Deus. Mesmo se voltando para o externo e para os processos que diz respeito a si mesmo, sem no entanto

entrar na essência do ser humano, em sua origem e seu sentido superior, a mente filosófica representa o senso crítico do conhecimento humano.

Mente teológica

A mente teológica se volta para a procura de Deus, enquanto justificativa para a existência do ser humano. Não se ocupa da natureza do espírito, mas daquilo que se entende ser a razão de sua existência. Essa busca vai modificar a estrutura da própria mente, que estará sempre na espera de que esse lugar de Criador seja ocupado por um ente externo e superior ao aparelho psíquico. A mente teológica irá atribuir àquele ser características superlativas do espírito.

O processo de utilização da mediunidade e o contato com forças espirituais proporcionaram o surgimento da mente teológica, a qual necessitava de uma explicação para o que lhe ocorria. À medida que não encontrava em si e na natureza tais explicações, bem como precisando reduzir a tensão provocada pela formação da idéia de mal, a mente teológica exigia a existência de um ser superior que lhe trouxesse alívio.

Na mente teológica, a idéia de Deus alicerçada pelo *ego*, se aproxima muito de concepções primitivas. Deuses mitológicos, fenômenos da natureza, totens, dentre outros símbolos, foram utilizados como projeções psíquicas para o Espírito conceber Deus. A idéia de Deus foi sendo construída na *psiquê*, formando a base para a compreensão da real existência de Deus. A mente teológica se estruturou, portanto, para que o Espírito, pouco a pouco, compreendesse Deus em si mesmo.

Essa mesma mente teológica ainda se presta a concepções primitivas à respeito de Deus, muito embora já seja capaz de concebê-lo de forma superior, próximo de Sua real natureza. A mente teológica permite ao Espírito separar a criação de seu Criador.

O Cristianismo, no Ocidente, contribuiu em muito para a consolidação da mente teológica no ser humano, fazendo alcançar o estágio do Deus único, tornando-o mais compreensível como o Criador da vida. Ao chamar Deus de Pai, Jesus promoveu na mente teológica uma reestruturação importante, capacitando-a a conceber atributos mais humanos e próximos do Espírito. A mente teológica pode entender melhor a respeito de Deus a partir de experiências humanas típicas. As projeções da idéia de Deus se tornaram então mais voltadas para virtudes compreensíveis ao ser humano.

Embora se possa admitir uma visão precisa a respeito de Deus, ao concebê-lo como Causa Primeira e Inteligência suprema, ainda existem lacunas que ultrapassam tal concepção. Deus, dentro do sistema humano de conhecimento, ainda é incompreensível e misterioso em muitos aspectos. Ainda há incógnitas não resolvidas, a exemplo da transcendência ou imanência de Deus, bem como a do paradoxo de um criador incriado. A *psiquê* ainda evoluirá para compreender a complexidade da idéia de Deus fora dela. Deus como causa primária é um conhecimento necessário e provisório. A relação de Deus com o ser humano não é essencialmente externa. O culto externo é uma projeção pueril.

Mente racional

O período racional da civilização ocidental favoreceu o surgimento da mente crítica e menos dependente da mente teológica, que favorecia uma certa alienação do Espírito de si mesmo. Foi entronizada a deusa razão em lugar do deus medieval, extremamente punitivo. As idéias do racionalismo foram uma espécie de contraposição ao medievalismo que imperava na civilização ocidental. Tal fase desencadeou uma revisão de conceitos arcaicos e ultrapassados do ser humano sobre a natureza e sobre si mesmo. Tornou-se um preparo para a possibilidade do Espírito enxergar a si mesmo, sem as contaminações da mente primitiva, da filosófica e da teológica, as quais favoreciam uma concepção fantasiosa e voltada para o aspecto mítico.

A mente racional significou uma estruturação psíquica que valorizasse mais o humano e sua auto-suficiência em relação à natureza e a uma divindade toda poderosa e opressora. Tal mente possibilitou ao Espírito projeções a respeito de si mesmo inimagináveis na mente teológica, pois esta sufocava e colocava na sombra o ser espiritual.

Os fenômenos, antes atribuídos ao sobrenatural, foram depurados pela mente racional que os desmistificava e classificava de acordo com a razão do Espírito. Graças à mente racional pôde o Espírito retirar o véu da ignorância sobre si mesmo, consolidando atributos que lhe seriam importantes para a compreensão dos processos e das leis da natureza.

Mente empírica e científica

A mente empírica ou científica representa um desdobramento da mente racional. Ela é uma melhoria estrutural da mente racional, que se presta a conceber modelos explicativos da realidade. Ela permitiu que o ser humano esmiuçasse a natureza para melhor compreendê-la e a si mesmo enquanto agente ativo dela. A observação e a experimentação se tornam fundamentais para que o Espírito possa cada vez mais se perceber independente das contingências externas e da sensoriedade corporal.

Muito embora se possa querer julgar essa fase da humanidade como responsável pelo materialismo, ela possibilitou uma mudança estrutural da *psiquê*, preparando-a para uma espécie de limpeza de conceitos fantasiosos sobre a natureza do Espírito. A mente observadora e calcada na experimentação permite ao Espírito a compreensão da existência de leis na natureza, capazes de receber as projeções das leis de Deus, facilitando assim sua assimilação.

Por muito tempo conservou-se a idéia, não equivocada, de que as idéias empiristas, behavioristas, racionalistas e iluministas eram materialistas, sem que se tenha percebido seu significado profundo para a mente humana. No decorrer da evolução, ao apropriar-se de conhecimentos mais profundos, pode-se entender a necessidade de tais pensamentos para uma melhor percepção do ser humano a respeito de si mesmo. As idéias espiritualistas puras, não associadas a uma visão pragmática da realidade e distanciadas da natureza instintiva do ser humano, aprisionam a mente, ou a consciência, num mundo mágico e mítico que paira acima de sua própria essência divina. Não há transcendência, portanto aquisição de sabedoria, sem a união de polaridades psíquicas. O considerado material e o espiritual devem ser integrados para o surgimento do aprendizado mais próximo do real.

Ao lado dos prejuízos causados, estimulando a inércia e a estagnação psíquica, o racionalismo e o materialismo, alimentadores da morte como o fim da individualidade, fomentaram importantes emoções. A lágrima pela morte de alguém, denuncia o início da constituição de importante sentimento para o espírito, pelas expressões emocionais que libera e pelas estruturas afetivas que desenvolve na *psiquê*.

Mente cerebral

Essa é ainda uma derivação da mente empírica ou científica. Trata-se da busca pela compreensão das funções cerebrais e de sua importância para o equilíbrio do indivíduo. Com o estudo e o conhecimento do funcionamento do aparelho cerebral, a mente vai se estruturando para a separação entre o que é estritamente orgânico e o que é psicológico. Adquire-se uma microvisão do funcionamento do próprio sistema de compreensão da realidade. Ao descobrir como funciona o cérebro, o ser humano passa a ter um referencial projetivo para entender o processo de apreensão do saber por parte do Espírito.

A descoberta dos neurotransmissores como veículos de informação da consciência e do inconsciente ao cérebro permitiu que se acessasse estruturas superficiais da *psiquê*, facultando a compreensão parcial de seu funcionamento. A mente se reestrutura para a compreensão do microcosmo material objetivando a análise da vida com uma complexidade antes impossível. Caminha-se para a compreensão da imprevisibilidade de Deus.

A mente cerebral desvenda os segredos da vida orgânica sugerindo a impossibilidade dela responder pelos intrincados mecanismos da vida. Dessa descoberta, o ser humano salta para outras possibilidades subjetivas, para explicar os diversos fenômenos psíquicos. A estrutura cerebral por si só não é capaz de justificar as diversas possibilidades cognitivas humanas, tampouco as psicopatologias e suas conseqüências à vida humana. A mente cerebral vem trazer mais luz e maiores possibilidades de projeção das formas de funcionamento da *psiquê* do Espírito, mesmo que àquela mente se atribua o que pertence ao perispírito.

Mente psicológica

A mente psicológica é a principal conquista da consciência nos últimos tempos. Ela se caracteriza pelo delineamento do funcionamento da *psiquê* de uma forma compreensível ao ego. Penetrou-se no domínio da estrutura psíquica, isto é, criou-se um modelo estrutural para a *psiquê*. Aprendendo a conhecer o funcionamento, isto é, como é construída a *psiquê*, se chega mais perto daquilo que a comanda, o Espírito.

A *psiquê*, ao se deparar com uma proposta de estrutura, passa a se organizar daquela forma para atender tal concepção necessária a vida cotidiana. A estrutura proposta é básica nas várias psicologias,

mesmo nas escolas que negam o inconsciente, diferindo muito pouco entre os modelos vigentes. O aparelho psíquico é então um sistema relativamente aberto, constituído como um sistema de passagem de energia, contendo um campo denominado inconsciente, outro chamado consciente ou consciência. Tal divisão corresponde à necessidade de justificar a existência da memória, o estar desperto, bem como as razões dos comportamentos humanos.

Tomando como referência o modelo proposto pela Psicologia Analítica e esmiuçando ainda mais essa estrutura simples, constituída de inconsciente e consciente, concebeu-se o inconsciente dividido em uma camada mais profunda, denominada inconsciente coletivo, o qual é formado pelos arquétipos, responsáveis pelos comportamentos padronizados, e outra chamada inconsciente pessoal, composta pelas experiências individuais. Com essa proposta, o aparelho psíquico ficou assim concebido: Inconsciente Coletivo, Inconsciente Pessoal, Consciência e *ego*.

O *ego* é reconhecido como centro da vida consciente e como o elo de ligação entre a vontade e a ação. Ele é responsável pelo acesso ao inconsciente e o mais próximo representante da identidade pessoal ou personalidade do indivíduo. O *ego*, portanto, pode ser entendido sob dois aspectos. Como *ego*-identidade, o qual é a consciência de si, da própria existência; e, como *ego*-função, o qual é a consciência do outro, hetero-percepção. A consciência de si, como um ser separado de tudo, o *ego*-identidade, representa, numa instância menor, o Espírito e, nos estágios superiores da evolução, é o próprio. Ele, o Espírito, não está na consciência nem é ela, mas a usa e ao *ego*, que lhe é uma função. Consciência de si é espírito, consciência do objeto é uso de função.

Foi possível, a partir de tal concepção para o aparelho psíquico, entender os mecanismos de defesa da personalidade, bem como estabelecer as diferenças entre os atos coletivos e os individuais. Com esse modelo a *psiquê* se reestruturou para que o Espírito, representado, numa instância superior, pelo *Self* e revelado através do *ego*, seja mais bem compreendido e identificado como o senhor da vontade.

Mente espiritual

O desenvolvimento da mente, com as reestruturações ocorridas, acumulando a mente criativa, a filosófica, a teológica, a racional, a empírica, a cerebral e a psicológica, deu ao Espírito um aparelho mais flexível, mais complexo, porém mais adequado à sua manifestação. Ainda não é o ápice da evolução da *psiquê*, pois o processo é contínuo e, talvez, seja inimaginável conceber o seu fim.

A mente continua seu aperfeiçoamento para melhor servir ao Espírito no seu processo de apreensão das leis de Deus. Ainda faltam as capacidades afetivas serem incorporadas à *psiquê*, pois parece que ainda estão embrionariamente estruturadas como impulsos. As manifestações afetivas observadas no ser humano de hoje, produto das experiências ligadas às emoções primitivas, estão se estruturando para a formação da mente espiritual. O ser humano experimenta a sensação, passa pelas emoções, vive o sentimento afetivo, a fim de alcançar o amor, como a expressão máxima de sua capacidade conectiva com o divino. A reestruturação da *psiquê*, com a incorporação dos sentimentos afetivos, favorecerá a manifestação de expressões nobres pertencentes ao Espírito.

A mente espiritual será o próximo passo, pois nela encontraremos as possibilidades das manifestações não só dos sentimentos, como também das capacidades mediúnicas, as quais ainda se encontram diluídas no perispírito. Isso se dará com a aproximação cada vez maior de um modelo psíquico que atenda às necessidades mediúnicas e emocionais do ser. O exercício contínuo das expressões emocionais, sem repressões nem explosões de agressividade, bem como o uso constante da mediunidade na vida cotidiana, sem os formalismos exagerados, favorecerá uma nova reestruturação da mente, fazendo surgir a espiritual.

O ser humano surgiu a partir de um ponto de inflexão da cadeia evolutiva animal. Tal ponto se deu após o Plioceno Superior, quando houve o aparecimento de funções mais complexas na convivência entre indivíduos de um mesmo grupo social. A fabricação de utensílios, o uso do fogo, a divisão de poder entre líderes, as manifestações afetivas mais complexas, as transferências migratórias, as disputas por habitat, o surgimento da mediunidade no organismo perispiritual, a densidade dos símbolos psíquicos, as relações com civilizações mais adiantadas, favoreceram o desenvolvimento daquilo que se chamou razão, principal diferença entre o animal e o humano.

O ser humano, após essas conquistas evolutivas, tornou-se senhor de si, passando a dominar pouco a pouco seu livre-arbítrio. Ele era ainda inconsciente, pois seu campo de consciência ainda não era portador de um *ego* estruturado para poder estabelecer sua identidade como pessoa. Seres mitológicos foram lentamente criados pela cultura popular para representar sua estrutura psíquica e para lhe trazer uma idéia a respeito de si mesmo. O saber foi lentamente adquirido até que ele pudesse abstrair-se do mundo e olhar para si mesmo. Foi uma longa caminhada no pensar e sentir humanos para que se alcançasse a mente psicológica de hoje.

O conhecer humano deu-se a partir de simples elaborações ocorridas após repetições de atitudes ao longo de sua história. Repetir experiências é o processo que fixa a aprendizagem. Com elas, o ser humano elaborou teorias e construiu modelos de compreensão da realidade. Em princípio seu saber se encontrava apenas na memória, pois os paradigmas das leis de Deus para alcançar a essência do Espírito necessitam de muitas e diversas experiências. O conhecimento das leis de Deus requer a vivência do Espírito nas múltiplas funções e nos mais diversos campos de experiências, com e sem a matéria.

Os primeiros seres humanos preocupados em entender o mundo e a si mesmos para explicá-lo aos outros, eram chamados de filósofos, os quais buscavam uma compreensão da realidade a partir daquilo que exteriormente ela apresentava. Entendiam que o ser humano e a natureza tinham uma mesma origem, a qual poderia ser explicada a partir de um elemento material único. Do ponto de vista psicológico, a matéria se tratava apenas de uma exteriorização da natureza psíquica do ser humano. Numa perspectiva espiritual, pode-se admitir que a valorização da matéria visava trazer ao concreto o que tinha sido concebido no campo do espírito, isto é, já se sabia, intuitivamente e inconscientemente, da existência do elemento primordial no universo.

Tomando como referencial a figura de Sócrates (470 – 399 a. C.), principal expoente da Filosofia grega antiga, encontraremos personagens que trouxeram idéias substanciais à compreensão da vida. São chamados de pré-socráticos, pois, antes de Sócrates se debruçaram no pensar, buscando uma melhor maneira de explicar o mundo e a própria vida humana.

A Filosofia pré-socrática se caracterizava pela busca da unidade, da qual resultava o mundo material. Tal busca representava a tentativa de explicar o que estava fora de si mesmo, despreocupados, ou inconscientes, do que existia na *psiquê*, tornando-os distanciados da percepção do espiritual. A busca por uma explicação racional, material, distanciava o ser humano do espiritual, porém, era seu começo incursional nos mistérios da mente, projetando o *Self* numa partícula única. Tal incursão representava a tentativa de encontrar o fluido cósmico universal⁹ citado por Allan Kardec. A busca da unidade era a busca do *Self*.

Filósofos como Tales de Mileto (624 – 546 a.C.), Anaximandro (610 – 530 a. C.) e Anaxímenes (546 – 528 a.C.) contribuíram para a procura da substância única, que explicasse a natureza e sua complexidade. São eles os precursores da moderna filosofia. No trabalho deles, atuava a *psiquê* a fim de justificar a existência do fluido cósmico universal, elemento do qual é formada. Heráclito (504 – 420 a. C.) estava também entre os que buscavam a substância única, propondo as bases da dialética com seu *vir-a-ser*. Tal preocupação, isto é, a dialética, será profundamente importante na Filosofia dos séculos posteriores, bem como base para a dinâmica dos opostos da Psicologia Analítica, de C. G. Jung.

Destaca-se entre os pré-socráticos a figura de Pitágoras (570 – 496 a. C.), tido como médium, fundador de uma escola, na qual ensinava a sobrevivência da alma após a morte e a reencarnação. Semelhantes idéias foram adotadas mais tarde por Platão (428 – 348 a. C.). Podemos perceber que as idéias espíritas não são criações ou fantasias das credices do Século XIX, época em que nasceu o espiritismo, mas tão antigas quanto a própria Filosofia. A não aceitação do espiritismo no passado se devia à falta de amadurecimento psíquico para a compreensão de assuntos profundos e complexos que envolviam a *psiquê* e a realidade espiritual.

A Escola pitagórica se caracterizava por uma vivência prática, distanciada do ascetismo típico dos amantes da Filosofia, adotada por uma consciência política ativista. Seus seguidores eram vegetarianos e, em sua maioria, celibatários. Acreditavam que a vida era uma busca incessante pelo encontro com a divindade. Parece que o modo de ser dos pitagóricos influenciou a inclusão do celibato

⁹ A Gênese, 24ª Edição, Capítulo IX, item 15, FEB, Allan Kardec.

na formação dos sacerdotes da Igreja Católica. Tal prática prejudicou e prejudica em muito a manifestação do próprio Espírito, o qual se vê tolhido e reprimido, impedido de viver experiências fundamentais à sua evolução, ligadas à educação da sexualidade, em vistas à construção da afetividade.

Os seguidores de Pitágoras cultuavam a música como símbolo máximo da harmonia e a consideravam o bem supremo. Eram princípios da Escola Pitagórica: o **número** (numa substituição do corpóreo pelo abstrato) e a **quaternidade** (representada por um triângulo formado por dez unidades, tendo quatro delas como lado e uma no centro) como perfeição. Eles consideravam que a harmonia dos opostos era o significado último das coisas.

A Escola Pitagórica apresentava idéias próximas à busca da unidade e da perfeição, portanto estavam tateando o *Self* ou a divindade. A *psiquê*, ainda em estruturação filosófica, extremamente criativa e mítica, inconscientemente representava o *Self* em formas esteticamente perfeitas, como também através da abstração numérica, procurando demonstrar sua incorporeidade. Tais representações serão fundamentais para a compreensão da estrutura psíquica humana e, conseqüentemente, para a percepção do Espírito.

A continuidade das idéias da Escola Pitagórica pode ser vista principalmente na Cabala e na Alquimia, em cujos princípios se podem perceber simbolicamente os conteúdos do inconsciente. Aquilo que é possível ser acessado no inconsciente pelo *ego* vem à consciência sob a forma de símbolos. Assim ocorre pela insuficiência, na *psiquê*, de outros elementos para tal. O símbolo se forma pela ausência de conhecimento por parte do Espírito e são os precursores dos futuros conhecimentos que serão incorporados pela *psiquê*.

As doutrinas secretas trazem conhecimentos de forma simbólica, os quais representam aspectos psíquicos não suficientemente compreendidos pela consciência. A experiência do Espírito, alterando a estrutura da *psiquê*, possibilitará o conhecimento das leis de Deus de forma mais plena.

Um dos filósofos pré-socráticos que nos chama a atenção é Xenófanes (576 – 480 a. C.), da Escola Eleática, pelo conceito que emitia sobre Deus, em meio ao politeísmo grego reinante à época, afirmando que havia uma só divindade, um deus-tudo, o qual se identificaria com o universo. Xenófanes propõe idéias que vão ser desenvolvidas mais tarde entre aqueles que aceitariam o panteísmo. Essa idéia pode nos fazer entender que a *psiquê* estaria sendo representada pelo universo. A totalidade do psiquismo humano estaria sendo percebida como um todo. Isso abriria espaço para a compreensão da *psiquê* como um sistema amplo e aberto. Talvez Xenófanes e seus pares tivessem percebido que Deus pode ser concebido na intimidade da *psiquê* e esta estaria representada pelo universo infinito.

A concepção monoteísta a respeito da existência de Deus em detrimento da visão politeísta revela uma mudança na *psiquê* humana. É uma mudança paradigmática importante, pois exige uma visão unitária de comando, não só na vida prática como na própria *psiquê*. Trata-se da percepção externa de representações centrais, tais como: o sol, a praça, o rei, o castelo, o pai, a unidade de um fenômeno não repetitivo, dentre outros. Isso é acompanhado, ou é reflexo, da percepção interna de um centro diretor da *psiquê*. Tal centro Jung denominou *Self*. A passagem do politeísmo ao monoteísmo prefigura uma transformação do consciente coletivo ao *Self*. A projeção então dirigida pelos arquétipos menores, no politeísmo, centrou-se, no monoteísmo, no *Self*.

Ainda entre os pré-socráticos encontramos Empédocles (493 – 430 a. C.), que afirmava haver duas forças cósmicas a se alternarem na natureza: o amor e o ódio. Empédocles pregava abertamente a reencarnação. Pode-se pensar que Empédocles entendia que a vida é dialética ou dinâmica de opostos, pois tal confronto de forças também estava na *psiquê*, entre a consciência e o inconsciente. A representação dessa dinâmica de opostos entre o amor e o ódio nos dá a idéia de que na *psiquê* existem estruturas que se opõem, como Empédocles via na natureza. As forças cósmicas simbolizavam as psíquicas, desconhecidas para ele. Podemos pensar que tais forças seriam, àquela época, o intelecto e o instinto.

À mesma época de Empédocles, Anaxágoras (500 – 428 a. C.) dizia que havia um *princípio inteligente*, ou mente universal, como causa da ordem do mundo. Essa idéia irá nortear a maioria dos conceitos sobre a divindade criadora de tudo, pois **um** princípio deve ser subentendido como sendo Deus. No espiritismo, tal idéia está expressa na resposta à questão número um, de *O Livro dos*

Espíritos, ao ser dito que Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas. Essa idéia, como veremos, será reafirmada por muitos filósofos em várias épocas da história do pensamento humano. Anaxágoras expôs o que tanto a *psiquê* exigia para explicar o vazio de seu próprio sistema de compreensão, quanto o que o Espírito necessitava para compreender-se enquanto criatura. A idéia de Deus é uma necessidade psíquica, independente da existência real Dele. O que hoje se afirma a respeito de Deus é uma representação daquela idéia necessária.

Por último, entre os pré-socráticos, incluo Protágoras (480 – 410 a. C.), sofista, que dizia: “*o homem é a medida de todas as coisas*”. Não é difícil perceber a profundidade de tal afirmação, pois significa dizer que todos os sistemas de representação da realidade passam pela *psiquê* humana. Tudo que é afirmado pelo ser humano contém seu filtro e sua condição de criatura. A realidade não é uma construção do humano, mas como ele a vê, a explora, a transmite e a transforma, passam pelo seu psiquismo. Até sua idéia de Deus é uma construção humana. Ao se colocar no centro da criação, o ser humano apenas repete aquilo que se encontra em seu mundo íntimo. Isso para mim significa que a idéia de Deus se encontra em seu mundo inconsciente interior. Deus está no centro da *psiquê* e isso leva o ser humano a se afirmar como centro do universo.

Pode-se notar que algumas teses pré-socráticas antecipam o que o espiritismo traria mais tarde, o que vem confirmar que o conhecimento não é patrimônio de uma pessoa, de um grupo ou de uma época da história do saber humano. A existência de teses semelhantes às adotadas pelo espiritismo em épocas tão remotas da humanidade revela a intemporalidade do saber. São princípios universais e, portanto, patrimônio coletivo. O espiritismo resume, numa forma atualizada e adequada ao desenvolvimento da *psiquê*, o arcabouço dos conhecimentos mais complexos sobre as questões transcendentais que sempre provocaram o espírito humano. O espiritismo, enquanto síntese de uma época, terá suas teses incorporadas a outras doutrinas no futuro, tendo que estarem atentos seus estudiosos para trazer novos conhecimentos pela via mediúnica, como o fez Allan Kardec. As principais teses espíritas são: 1) a existência de Deus como causa primeira de todas as coisas e como inteligência suprema; 2) a existência do Espírito, enquanto princípio inteligente e imortal; 3) a evolução como lei da natureza; 4) a reencarnação como forma de início e fechamento de ciclos evolutivos; 5) a mediunidade como sistema de comunicação entre seres que se encontram em diferentes vibrações; 6) a ética baseada em princípios cristãos; 7) a pluralidade de sistemas habitados além do solar. Tais teses serão, como algumas já foram, absorvidas por várias doutrinas, pois não são patrimônios do espiritismo. Isso forçará a evolução da própria doutrina espírita, que deverá incorporar outras teses mais evoluídas de acordo com o desenvolvimento do Espírito.

Antes de falar sobre Sócrates é necessário referir-se a Platão (427 – 339 a. C.). Platão pregava o auto-exame da consciência como forma de sabedoria. Ele dizia que aprender é recordar, pois viemos do mundo das idéias e renascemos. Baseado nisso, concordava com a pré-existência da alma (reencarnação) e com sua imortalidade. Platão concebia Deus como artesão ou demiurgo, causa do mundo. Para ele Deus criou a natureza à semelhança do mundo do ser. Platão dizia que cada um é responsável pelo próprio destino, e não a divindade. Ele criou o famoso Mito da Caverna no qual procurava demonstrar a pouca visibilidade do saber humano no respeito de si mesmo e do universo. No referido mito os homens estavam dentro de uma caverna, virados para seu interior vendo o que se passava no mundo externo através das sombras refletidas na parede ao fundo. O que viam eram figuras disformes, monocromáticas e em proporções irreais. Assim ele via os seres humanos limitados ao mundo físico, sem penetrar na realidade causal, vista como a espiritual.

As idéias espíritas se aproximam muito do sistema de Platão, pois suas propostas filosóficas visavam a elevação moral e espiritual dos seres humanos. No Mito da Caverna, a visão limitada de seus habitantes se assemelha a dos encarnados, os quais em sua maioria, desconhecem a realidade espiritual. Platão saía da contemplação filosófica para a fundação de uma sociedade justa e feliz, pois pregava o “retorno à caverna”, isto é, a preocupação com o mundo humano. Não queria a alienação ao espiritual, mas uma participação consciente do indivíduo na sociedade. A crítica que possa ser feita a Platão pelas suas incursões políticas, muito embora pertinentes, deve quedar-se diante de sua preocupação social de contribuir para a harmonia e a paz coletiva.

Seu auto-exame da consciência se assemelha à Reforma Íntima pregada pelo espiritismo, sem a qual é improvável o crescimento espiritual do ser humano. Platão é considerado como representante de

uma das principais correntes filosóficas da História do Pensamento humano. Tomam-no como representante da subjetividade e do idealismo, em oposição ao realismo e ao concretismo das teses de Aristóteles, do qual falarei adiante.

Em certo sentido as idéias de Platão correspondem aos arquétipos junguianos, pois são critérios ou princípios de juízo acerca das coisas. Para ele, as idéias são causas das coisas, portanto existem estruturas psíquicas que condicionam a percepção do mundo como ele se apresenta. A construção do saber de Jung passa pelas idéias de Platão, da mesma forma que estas influenciaram as idéias espíritas.

As idéias de Platão promoveram alterações na *psiquê* a fim de que se pudesse absorver com maior precisão a imortalidade e a subjetividade da vida. Suas idéias foram acrescidas a outras, ao longo da história, a fim de que o Espírito pudesse tornar consciente tal condição própria.

Xenocrates dirigiu a Academia de Platão após sua morte. Ele dizia que “o simples desejo equivale já à execução da má ação”. Nesta expressão pode-se notar uma certa continuidade da filosofia de Platão, voltada para o lado subjetivo da ação, bem como para as motivações humanas. Isso quer significar também que a psicologia enquanto procura dos motivos do comportamento humano se estruturou desde os primórdios da filosofia. Suas raízes se encontram na própria filosofia, como de resto toda ciência.

Heráclides do Ponto (388 – 315 a. C.), discípulo de Platão chamava os átomos, de “corpúsculos não coligados”, isto é, corpos simples com os quais a inteligência divina teria construído o mundo. Na astronomia, antecipando Copérnico, afirmava que Mercúrio e Vênus giravam em torno do Sol. A idéia dos “corpúsculos coligados”, se assemelha a do Fluido Cósmico Universal que Allan Kardec trouxe, em 1869, no livro *A Gênese*. A química do século XVIII também já concebia a idéia de um elemento único que dava origem aos outros, ao apresentar o átomo de hidrogênio. Essa visão da matéria como constituída de um único princípio corrobora a idéia espírita do elemento material apresentada em *O Livro dos Espíritos*, nas questões 27 e 79. Tal idéia reestrutura a *psiquê* para a compreensão da existência de um princípio espiritual, o qual ao unir-se ao princípio material, se complementa. A idéia de Heráclides do Ponto de que aqueles planetas giravam em torno do sol, contribuiu para a percepção do *Self*, enquanto centro da vida psíquica, em torno do qual orbita o *ego*.

Após Platão, e ainda em sua época, surge a figura singular de Aristóteles (400 – 320 a. C.), que trará importantes contribuições para a história e para o desenvolvimento do pensamento da humanidade. Ele fará o contraponto das idéias de Platão, voltando-se para o plano da realidade.

Aristóteles teorizou sobre diversos temas de forma singular e, mesmo vivendo à mesma época de Platão, não lhe sofreu influência. Ele afirmava que Deus era causa e motor imóvel e com isso mantinha a idéia central da existência de um deus único em meio ao politeísmo grego. Tal idéia ampliava as possibilidades da *psiquê* em conceber a existência do *Self*. Ou, talvez, fosse o próprio *Self* a conduzir o *ego* à concepção da idéia do Deus único. Embora ambos afirmassem a existência de um Deus único, Platão e Aristóteles, paradoxalmente, eram politeístas, pois estabeleciam limites para Deus e, em alguns aspectos, o igualavam a outros seres.

Enquanto Platão explicava o Universo pela ação de um artesão divino, o demiurgo, Aristóteles preferia considerar que se tratava de um organismo que se desenvolvia graças a um dinamismo interior denominado natureza. Enquanto os ensinamentos de Platão despertavam para o Inconsciente, para a subjetividade da vida, considerando seus aspectos ocultos, os de Aristóteles apontavam para a Consciência, observando a própria realidade como ela é e de forma mais pragmática.

Aristóteles apresenta Deus como o ato puro ou substância imóvel. Deus é a causa primeira de todas as causas e o criador da ordem do mundo. A mesma idéia será apresentada na questão de número um, de *O Livro dos Espíritos*, mais de dois mil anos depois. Já não há dúvidas quanto a força de tal idéia, o que demonstra que o politeísmo e o ateísmo perderam espaço na *psiquê*.

Aristóteles deu à filosofia um objeto preciso denominando-a ciência do ser enquanto tal. Preocupou-se em demonstrar a existência da singularidade do ser enquanto ser, por detrás da forma externa. A lógica aristotélica, ao delinear os princípios do ser enquanto ser, abre espaço para a percepção do Espírito enquanto tal. Isso significa poder entender a existência do Espírito independentemente do corpo e da mente.

Em sua Metafísica, ele introduz o conceito de substância, que antecipa os princípios da Psicologia da Gestalt, a qual considera a relação entre a figura e o fundo fundamental para a

compreensão do objeto. A substância, na Gestalt, é percebida relacionada ao contexto ou a forma em que se situa. Trata-se de uma ampliação do princípio aristotélico, associado à teoria da relatividade de Einstein e complementado pelo “*princípio da incerteza*” de Werner Heisenberg (1901 – 1976), afirmado em 1927. A psicologia da Gestalt ampliou conceitos em psicologia a respeito das leis da percepção. Gestalt significa forma ou qualidades configuracionais.

Na esteira das idéias de Protágoras, Aristóteles considerava que “*ninguém poderia aprender ou compreender nada, se os sentidos nada lhe ensinassem; tudo quanto se pensa, pensa-se necessariamente com imagens*”. Embora contrariando o mundo das idéias como origem do conhecimento humano afirmado por Platão, a consideração de Aristóteles coloca o ser humano em contato com sua natureza real, sem mentalismos ou subjetividades. Esse princípio irá nortear as idéias iluministas e empiristas séculos depois. Isso, equivocadamente, serviu de base ao materialismo, pois deu a entender que na matéria está a única via de conhecimento humano. O espiritismo, mais tarde, vem consolidar a idéia do corpo espiritual como aquele veículo principal de apreensão do saber para o Espírito.

Não se podem negar tais afirmações, mesmo dentro de uma visão espiritualista e espiritualista do ser. Ao se considerar o perispírito um corpo de natureza fluídica, portanto material, e sendo ele o veículo de manifestação do Espírito e sua fonte de ligação com a matéria, pode-se entender, como afirmei antes, que nada vai intelecto (Espírito) senão pelos sentidos (corpo físico e perispírito). Pode-se, ainda, contrapor que tal raciocínio seja incorreto na medida em que se admita que o Espírito pode apreender conhecimentos por via direta independente do corpo físico ou do perispírito. Isso fica sem possibilidade, ao menos por enquanto, de sustentação teórica, dada a natureza da questão.

A compreensão de Aristóteles, a respeito da via sensorial pela qual se apreende o saber, coloca a *psiquê* em condições de projetar os processos de conhecimento nos objetos externos e de procurar na matéria experiências transformadoras do Espírito.

Para ele a tarefa própria do ser humano é a vida da razão. Não era a vida vegetativa, como a das plantas, nem a vida dos sentidos como a dos animais. Ele distinguia a razão da moral, afirmando que a primeira era a virtude racional intelectual e a segunda era a virtude moral ou o domínio da razão sobre os impulsos sensíveis.

Pode-se observar, pela clareza de seus princípios, que Aristóteles tinha uma concepção diferente de seus contemporâneos a respeito da vida e do ser humano. Buscava trazer a *psiquê* ao concreto, ao real e à vida moralmente superior. Seus conhecimentos buscavam enraizar a *psiquê* naquilo que, para ele, seria fundamental para atender às necessidades do Espírito. Sem aquela visão pragmática, sensorial e compreensiva da vida material, o Espírito ficaria no terreno das simples idéias metafísicas e subjetivas a respeito da Vida e de si mesmo. Isso vem a propósito da discussão a respeito da supremacia da vida espiritual sobre a material. Parece um exagero e uma fuga da realidade na qual se vive. A vida espiritual tem importância capital ao espírito na medida em que reconhece de forma mais apropriada sua natureza essencial. A vida material é importante ao Espírito pelas circunstâncias próprias que lhe oferece para o conhecimento das leis de Deus. Em ambas as fases da evolução, seja no corpo físico ou fora dele, o Espírito se capacita a adquirir conhecimento, porém essas dimensões não se excluem, antes, se complementam.

Aristóteles, antecipando a psicanálise de Sigmund Freud (1856 – 1939), considerava a catarse importante para a purificação das emoções e que estas não poderiam ser abolidas. Pode-se perceber que Aristóteles compreendia o ser humano em sua totalidade, não desprezando sua vida instintiva nem a importância de suas emoções. As emoções estão na base da *psiquê*, exigindo serem educadas para o desenvolvimento do Espírito. Desprezá-las implica em prejuízo à personalidade. O pensamento de Aristóteles parece como uma intervenção da consciência sobre o inconsciente, orientando-a para autopercepção.

A Filosofia nasceu com uma preocupação cosmológica, caracteriza da pela busca da unidade que garantiria a ordem do mundo. Os filósofos pré-socráticos entendiam que tal ordem só seria compreensível a partir da definição do elemento primordial, formador de tudo que existe na natureza. Após eles, com as idéias de Sócrates, Platão e Aristóteles, nota-se uma vertente antropológica, percebida na preocupação com a formação do indivíduo e de sua vida em sociedade, além da busca por respostas plausíveis para o problema ontológico do ser e do homem. A Filosofia nascente também se

notabilizou pela preocupação com a ética, ou seja, pelo problema da conduta do homem, visando tornar o saber filosófico útil ao viver em sociedade.

Tais preocupações, antes de serem isoladas e específicas dos personagens gregos, são processos de amadurecimento do Espírito visando sua própria evolução. O desenvolvimento do aparelho psíquico, que será o elemento favorecedor de tal evolução, precisará ocorrer de forma gradativa e constante. Aquelas buscas permitiriam tal desenvolvimento. A frase “mente sã em corpo são” simboliza tal processo. Substituindo-se o corpo pelo Espírito, a mente em equilíbrio e apta a apreensão adequada das leis de Deus, favorecerá o Espírito.

Com o advento do Cristianismo, seguiu-se um longo período religioso na Filosofia, cuja preocupação central era com o problema de encontrar a via de reunião entre o homem e Deus. Os filósofos chamados de neoplatônicos se ocuparam dessa tarefa. Tal fase da filosofia, que predominou por largo tempo, serviu para fundamentar a *psiquê* para que o Espírito viesse a formular, gradativamente, a consciência da existência de Deus.

O pouco que se sabe a respeito de Sócrates vem de seus discípulos, em particular de Platão. À semelhança do Cristo, guardando as devidas proporções, Sócrates nada deixou escrito, preferindo transmitir pela palavra e pelo exemplo aquilo que se passava em seu íntimo.

Sem dúvida nenhuma o grande expoente da Filosofia foi Sócrates (469 – 399 a. C.), tendo em vista, não só sua adoção à famosa inscrição do oráculo do Templo de Delfos, dedicado ao deus Apolo: “Conhece-te a ti mesmo. Nada em excesso.”, como também pela influência que exerceu sobre Platão e, em menor escala, em Aristóteles, cujos escritos determinaram os rumos da Filosofia. A sabedoria de Sócrates incluía sua profissão de ignorância, pois assim estimulava à busca do conhecimento. Ele acreditava que o conhecimento não era transmitido, mas sim estimulado, e orientava que as pessoas o buscassem em si próprias (*maieutica*). Para a vida, exigia um diálogo contínuo do indivíduo consigo mesmo e com os outros, pois o valor pessoal só pode ser compreendido e realizado na relação com os outros.

Com Sócrates, houve uma inflexão na busca do saber filosófico, antes dedicado a olhar o mundo exterior ao ser humano, para com ele, passar a direcionar seu foco de análise ao interior da *psiquê*. Adotar a ignorância, pressupõe estar aberto ao conhecimento, disponível para a flexibilidade psíquica. O contrário enrijece a *psiquê*. Toda vez que se diz saber algo, de forma definitiva, impede-se a criatividade e a percepção de outras possibilidades de conhecimento das coisas. A ignorância socrática se assemelha à proposta de Immanuel Kant (1724 – 1804) em submeter a razão à crítica que conseguisse retirar dela tudo que a impedisse de saber das coisas como elas são. Pode-se dizer que a proposta de Kant encontra ressonância e é aceita por toda a Filosofia, graças à base lançada por Sócrates. Isso implica numa *psiquê* flexível à vida, a fim de que os dogmas não a enrijecessem. Mais tarde, Jung vai propor a mesma postura em sua prática como psicoterapeuta, ao repetir para si mesmo que nada sabia a respeito daquela alma que estava à sua frente.

Sócrates pregava a virtude e a justiça e dizia que a primeira não era a negação do prazer, mas a capacidade de saber escolher dentre os prazeres o melhor. Sua religião pessoal era o filosofar constante na busca da virtude. Ele se mostrava bastante coerente em seus princípios, não querendo que sua filosofia levasse as pessoas a viverem infelizes e de forma injusta. O conhecer-se a si mesmo permitiria que o ser humano vivesse respeitando sua natureza íntima, não desprezando seu desejo de prazer. Sem adotar uma postura hedonista, pregava a realização do mundo íntimo. Essa proposta foi seguida por todos que se debruçaram sobre o pensamento e o sentido da vida.

O conhecimento de si mesmo é a regra indicada pelos espíritos a Allan Kardec, na questão 919 de *O Livro dos Espíritos*, para que o ser humano se melhore ao estar encarnado. Esse processo de interiorização e descoberta de si mesmo é, portanto, antigo, e ainda será por muito tempo o roteiro para o encontro do ser humano com sua verdadeira natureza. Tal conhecimento de si mesmo é um processo que subentende algumas fases. Para efetivamente se conhecer é preciso atravessar as seguintes fases: autoconhecimento, autodescobrimento, autotransformação e auto-iluminação. O autoconhecimento é o conhecimento no nível da consciência e daquilo que é possível alcançar-se ou se deduzir das relações do indivíduo. O que é acessível ao *ego* pelas experiências comuns e em estado de vigília, pertence ao autoconhecer-se. O autodescobrimento é o conhecimento daquilo que se encontra encoberto ao *ego* e só acessível em condições especiais. São conteúdos que se encontram no inconsciente e que só são

acessíveis quando o *ego* se encontra inibido ou afetado. Tais conteúdos vêm à consciência nos estados alterados de consciência, na imaginação ativa, na fantasia, nos sonhos, nos transe, na hipnose, dentre outros. O processo de autotransformação se dá quando, nas experiências comuns da vida, o indivíduo está consciente e emocionalmente envolvido no que faz, adquirindo real aprendizado e internalização do que vive. É a real transformação e o crescimento efetivo do indivíduo. A auto-iluminação é o estágio em que o indivíduo se percebe Espírito, reconhecendo sua própria luz, projetando-a no que faz. Esse contínuo processo é amplamente descrito em meu livro *Psicologia e Espiritualidade*.

A doutrina de Sócrates antecipa as escolas da psicologia que pregam a realização pessoal através do encontro consigo mesmo. Em particular, podem-se encontrar semelhantes teses na Psicologia Analítica de C. G. Jung, que propõe a individuação como meta a ser atingida. O processo de individuação proposto por Jung será detalhado em capítulo mais adiante.

A negação de Skinner sobre a relação entre causa e efeito, inclusive discordando que seja uma lei, será confirmada no Século XX pela física quântica. Verificou-se que o universo das micro-partículas não obedece a uma causalidade. Talvez a causalidade só valha para as aproximações da consciência, tornando-se uma subjetividade, como pensou Hume. O princípio da causalidade contém uma indeterminação. Causa e efeito levam ao infinito, portanto, à incerteza e à dúvida. No movimento espírita, considera-se a existência de uma “lei de causa e efeito”, porém sem correspondência na literatura de Allan Kardec. Há quem evoque o próprio *Livro dos Espíritos*, porém pode-se entender que é uma interpretação do que lá está escrito, sem ser uma afirmação categórica de que existe tal lei. Veja-se, por exemplo a questão de número 4 de *O Livro dos Espíritos*:

Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus?

Resposta: “Num axioma que aplicais às vossas ciências. Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá.”

A palavra axioma quer dizer premissa imediatamente evidente que se admite como universalmente verdadeira sem exigência de demonstração. Portanto é algo não comprovável. A ciência, através da física quântica, provou ser possível existirem fenômenos que não obedecem tal premissa, então não se trata de uma lei. Tais fenômenos ocorrem na intimidade do átomo.

O termo “lei de causa e efeito” é aplicado para se justificar a reencarnação, pois se vê a lógica da justiça em certas ocorrências da vida, principalmente naquilo que não tem explicação na vida atual. Porém, isso leva à consideração de que a reencarnação é um processo mecânico e punitivo. A lógica da reencarnação está mais na educação do que na justiça divina. Efeito não é exatamente igual a causa porque existe a misericórdia divina que busca processos educativos mais atenuantes. A causalidade que enxergamos é uma subjetividade da consciência. Ela se torna coerente e aparentemente real porque vemos as coisas acontecerem de acordo com uma lógica também própria e subjetiva. Pode-se entender como uma metáfora, portanto, que expressa algo maior ou essencial, sobre o qual não conhecemos profundamente.

Filosofia é auscultação interior, porém com fins práticos. Não é apenas especulação metafísica, pois resulta num bem pessoal e coletivo. Estudar e entender as idéias filosóficas são como penetrar em si mesmo e na alma coletiva. É um ganho ao Espírito. Quando esse estudo é dedicado simultaneamente às questões do espírito, esse ganho é muito maior. Filosofia e espiritismo são conhecimentos interdisciplinares fundamentais ao descobrimento do *si mesmo*.

O espiritualismo, enquanto corrente filosófica, se refere à atitude pela qual o ser humano toma como objeto de investigação a sua própria consciência interior (interioridade). Numa concepção religiosa, espiritualismo é uma forma de abordagem do ser humano como constituído, essencialmente, de uma realidade transcendente ao corpo, que pode ser chamada de alma, espírito, *atman*, eu superior, etc. Espiritismo, ramo do espiritualismo, é um conhecimento mais específico, dedicado ao estudo da vida espiritual, da reencarnação, da existência do Espírito, de sua individualidade, imortalidade e evolução, bem como de suas relações interdimensionais. É uma filosofia no sentido amplo da palavra, tendo em vista seus questionamentos a respeito dos porquês da vida, da mesma forma que é uma religião pelas suas conseqüências morais. A doutrina do espiritismo tem como cerne a evolução do Espírito, enquanto ser eterno. A grande novidade que *O Livro dos Espíritos*, marco inicial do espiritismo, trouxe foi a abordagem precisa a respeito da existência do Espírito e de suas ocupações após a morte.

O surgimento do espiritismo no século XIX não implica que tenha havido simultaneamente a descoberta do mundo espiritual. A realidade espiritual sempre existiu. As relações entre os espíritos e a ocupação dos espaços espirituais são tão antigas quanto o surgimento do humano. As orientações e sistemas que são intuídos e que organizam a vida no mundo espiritual, decorrem das idéias de espíritos mais amadurecidos na evolução. Não são frutos de uma única verdade. No universo ela não é presente. Estamos influenciados pelas idéias de alguns espíritos mais lúcidos e que estruturaram o sistema no qual se encontra o ser humano.

O conhecimento espírita se assenta sobre bases sólidas, referendadas pelo conhecimento milenar da humanidade, muito embora, na atualidade, o trabalho de experimentação e validação científica deixe a desejar. Sua doutrina tem raízes na Filosofia e na religião até sua época, não sendo fruto de mera especulação de uma pessoa ou de um grupo. Os conhecimentos que traz se encontram, em sua maioria, na história do pensamento humano. Ainda requer muitas pesquisas para aceitação acadêmica, segundo os métodos internacionalmente aceitos para um saber. As alterações paradigmáticas ocorridas nas últimas décadas do século XX ainda não contaminaram as academias, e a ciência em geral, ainda presas e dependentes de metodologias limitadas.

O Espírito, em sua evolução, necessitou da magia como instrumento de manifestação de sua psiquê coletiva, teorizou com a filosofia especulativa, enfrentou o confronto com o sagrado sob as mais diversas denominações durante o predomínio da teologia, conectou-se de forma mais consciente à natureza e à criatividade no período renascentista, entendeu melhor o mundo e também o seu pensar na fase racionalista-empírica, descobriu os mecanismos da mente a partir do surgimento da psicologia e se expressa em sua integridade com a codificação do espiritismo, preparando-se para a maturidade na valorização do sentimento afetivo no presente século.

As doutrinas cristãs, antes do espiritismo, interpretavam a mensagem de Jesus sem as bases imortalistas, sem as concepções reencarnacionistas e sem considerar a mediunidade. Tais interpretações, no mínimo, eram incompletas. Elas se submeteram às contingências da ignorância humana a respeito de si mesma, além de estarem condicionadas a uma *psiquê* não preparada para oferecer as adequadas experiências ao Espírito.

O espiritismo, ao propor as teses do cristianismo como sendo os princípios de sua moral, deverá fazê-lo a partir de uma ótica diferente do que fez os outros ramos da grande árvore religiosa em que se inseriu. Com o advento do espiritismo a abordagem deverá ser necessariamente diferente, principalmente em sua essência. **Considere-se, por exemplo, a questão do bem e do mal. Muito antes do cristianismo, a discussão a respeito desse par de opostos sempre considerou que se deve fazer um movimento do mal para o bem. Agostinho de Hipona apregoava que o mal era a ausência do bem, ratificando a supremacia deste sobre aquele. A pregação espírita não difere dessa milenar concepção, calcada em palavras explícitas de Jesus. Em Mateus, 9:4, Jesus questionou “Por que cogitais o mal em vossos corações?” Embora a supremacia do bem sobre o mal seja coerente, politicamente correto e desejada por todos, ela contribui para a acentuação da repressão na *psiquê*.** O desafio do espiritismo é trazer uma proposta moral sem tal polarização milenarmente repetitiva e geradora de culpa. Talvez o mal não deva ser simplesmente expurgado da vida humana, mas compreendido e ressignificado, pois a separação das experiências como geradoras do mal e do bem, não só é equívoco, como tem trazido conseqüências danosas à humanidade. Não proponho aqui a divulgação ou realização daquilo que é considerado mal, mas sua integração à personalidade como parte dela. Jung fez também questionamentos a respeito, os quais nos devem fazer pensar. Afirmou o seguinte:

“A experiência psicológica nos mostra que o “Bem” e o “Mal” constituem o par de contrários do chamado julgamento moral e que enquanto tal tem sua origem no próprio homem. Como sabemos, só se pode emitir um julgamento quando é possível o seu oposto em termos de conteúdo. A um Mal aparente só se pode contrapor um Bem igualmente aparente, e um Mal não substancial só pode ser anulado por um Bem igualmente não substancial. Um existente se contrapõe a um não existente, mas nunca um Bem existente pode contrapor-se a um Mal não existente, pois este último é uma contraditio in adjecto [uma contradição nos próprios termos] e gera uma desproporcionalidade em relação ao bem existente: de fato, um mal não existente (negativo) só pode contrapor-se a um bem igualmente não existente [positivo]. Dizer que o Mal é mera privatio boni [ausência do bem] nada

mais é do que negar a antinomia Bem-Mal. Como se poderia falar de um “bem”, se não existisse igualmente um “mal”? Como falar de um “claro” sem um “escuro”, de um “em cima” sem um “embaixo”? A conclusão inevitável é a de que, se atribuímos um caráter substancial ao Bem, devemos também atribuí-lo ao Mal.”¹⁰

Alguns anos depois ele nos brinda com essa pérola em forma de texto, que desperta o olhar para nós mesmos:

“Que eu faça um mendigo sentar-se à minha mesa, que eu perdoe aquele que me ofende e me esforce por amar, inclusive o meu inimigo, em nome de Cristo, tudo isto, naturalmente, não deixa de ser uma grande virtude. O que faço ao menor dos meus irmãos é ao próprio Cristo que faço. Mas o que acontecerá, se descobro, porventura, que o menor, o mais miserável de todos, o mais pobre dos mendigos, o mais insolente dos meus caluniadores, o meu inimigo, reside dentro de mim, sou eu mesmo, e precisa da esmola da minha bondade, e que eu mesmo sou o inimigo que é necessário amar?”¹¹

A questão então é: que fazer eu mesmo a respeito daquilo que existe dentro de mim, o qual chamo de mal, e que me incomoda, portanto é real? A resposta não deverá se constituir numa tentativa de negar ou expulsar aquilo que é considerado mal, mas integrá-lo de tal forma que se torne fator de crescimento.

A evolução do conhecimento humano sai da inconsciência de si, passa pela necessidade de compreensão das coisas, pelo estabelecimento do dogma, chegando à consolidação da razão. Nada disso significa uma evolução do conhecimento a respeito do que é o ser que conhece nem da estrutura que o faz conhecer. Saber sobre si mesmo e conceber um modelo estrutural para a mente foram e têm sido os desafios epistemológicos do ser humano desde o século XX. Os primeiros passos foram dados por Freud, Jung e seus colegas contemporâneos. O espiritismo não só apresenta o espírito imortal, em sua inteireza, como também uma teoria do fundamento da *psiquê* no perispírito e das capacidades deste como um acréscimo àqueles desafios.

A doutrina cristã propõe uma busca filosófica (espiritual) do Reino dos Céus que está dentro do próprio ser humano. (Lucas, 17:21). Essa busca não é política (Mateus, 22:21). Exatamente para se constituir como doutrina e com o objetivo de fixar seus princípios, garantindo a unidade teórica, a nascente igreja cristã fez surgir um movimento denominado Patrística (Pais da Igreja). Esta doutrina cristã nascente (diferente da efetiva mensagem de Jesus) apoiou-se em algumas escolas filosóficas gregas, e, em particular, nos ensinamentos estoicos. A constituição doutrinária do cristianismo se consolidou por conta das críticas e perseguições dos hebreus e dos romanos. Com isso, aos poucos, e por força das circunstâncias, os princípios de Jesus foram se adequando ao que era possível. Creio que seja compreensível tal adequação, pois a instalação de novos paradigmas requer amadurecimento coletivo. A sociedade não estava preparada para viver, em plenitude, os princípios trazidos por Jesus. E, talvez, ainda não esteja. Quando se afirma que houve um desvirtuamento da mensagem de Jesus, isto é uma consideração sintética que deveria ser acompanhada de uma análise histórica. Certamente, tal desvirtuamento não foi um ato deliberado de alguém, mas fruto de um processo natural de acomodação e inculturação de um saber em outro. São, de certa forma, conversões coletivas que modificam imediatamente a história de um povo e de sua cultura.

O espiritismo, enquanto saber que se propõe a demonstrar a existência dos espíritos, independe de uma moral, porém, sem ela, faltaria um certo sentido evolutivo para sua realidade. Allan Kardec colocava o conhecimento científico (observação e experimentação) como sendo superior ou balizador. Para ele, como racionalista que era, a ciência teria a última palavra. Allan Kardec submete o saber espírita à ciência de sua época. A ciência de hoje exige novos métodos, muito além daqueles que vigoravam à época de Allan Kardec. Existem exigências protocolares que podem ser obedecidas ou não pelo espiritismo. Porém, se almejar fazer parte do restrito círculo do saber científico, terá de adequar-se às suas regras.

O tríplice aspecto do espiritismo que propõe uma conciliação entre Ciência, Filosofia e Religião ainda pertence ao ideal e à interpretação que se dá aos seus princípios. Não há, e talvez ainda não seja possível, o surgimento, nos três campos do saber, de argumentos conciliatórios consistentes, de

¹⁰ OC Vol. XI, par. 247.

¹¹ OC Vol. XI, par. 520.

experimentos validadores e de revelações racionais e pragmáticas, que possam atender às exigências inerentes a cada um deles. A realidade espiritual, enquanto dimensão real da existência deverá ser o campo de partida para isso.

O espiritismo, em sua prática religiosa, tem se colocado aquém da especulação filosófica e da experimentação científica. Isso limita seu desenvolvimento enquanto saber, faltando-lhe a força viva da renovação de conceitos e o surgimento de novas idéias. A divulgação do espiritismo, bem como a sua prática, deve atentar para a tendência coletiva consciente e para a inconsciente. A primeira, mantém antigos paradigmas, mesmo lidando com o novo, e a segunda, renova e faz surgir novos paradigmas. É necessária e fundamental a especulação, em paralelo à prática, a respeito dos temas fundamentais do espiritismo, sem ortodoxia e com flexibilidade. Reafirmar antigos princípios, sem lhes buscar o sentido profundo e suas conseqüências para o indivíduo e para a sociedade, é aprisioná-los como dogmas.

Allan Kardec muito bem colocou no item 55, do primeiro capítulo de A Gênese, a respeito do conhecimento espírita como um saber progressivo. Disse ele *“Um último caráter da revelação espírita, a ressaltar das condições mesmas em que ela se produz, é que, apoiando-se em fatos, tem que ser, e não pode deixar de ser, essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Pela sua substância, alia-se à Ciência que, sendo a exposição das leis da Natureza, com relação a certa ordem de fatos, não pode ser contrária às leis de Deus, autor daquelas leis. As descobertas que a Ciência realiza, longe de o rebaixarem, glorificam a Deus; unicamente destroem o que os homens edificaram sobre as falsas idéias que formaram de Deus. O Espiritismo, pois, não estabelece como princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. Entendendo com todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de verdades práticas e abandonado o domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria. Deixando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu fim providencial. Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.”*

Em nota de rodapé ele afirma *“Diante de declarações tão nítidas e tão categóricas quais as que se contêm neste capítulo, caem por terra todas as alegações de tendências ao absolutismo e à autocracia dos princípios, bem como todas as falsas assimilações que algumas pessoas prevenidas ou mal informadas emprestam à doutrina. Não são novas, aliás, estas declarações; te-mo-las repetido muitíssimas vezes nos nossos escritos, para que nenhuma dúvida persista a tal respeito. Elas, ao demais, assinalam o verdadeiro papel que nos cabe, único que ambicionamos: o de mero trabalhador.”*

É digna de destaque a lucidez do codificador do espiritismo, quanto ao futuro do saber espírita. Fundamental que os estudantes de espiritismo compreendam a própria responsabilidade em lhes abrir os horizontes para a incorporação de outros conhecimentos. Como ele o afirma: não existe autocracia de princípios. Allan Kardec, ao propor a aceitação da ciência quando o espiritismo estivesse em erro, criou um sistema autocorretivo.

O espiritismo deve conduzir o ser humano à sua consciência de ser um espírito eterno e em constante evolução. O Centro Espírita, local que se propõe a esse mister, deve aparelhar-se para tal. A tarefa de consolar é meritória, porém é apenas uma face da proposta espírita. A outra é educar para crescer. Deve alcançar também aqueles que se encontram fora da dor, que já não estão mais em sofrimento ou causando sofrimento a alguém. Deve esclarecer o outro para que ele dê um salto de qualidade, oferecendo trabalho e atividades que o conduzam a uma maior percepção de si mesmo, tais como, grupos terapêuticos, de crescimento, palestras referentes às relações entre o psíquico e o espiritual. Tais atividades permitiriam que o indivíduo deixasse de atribuir exclusivamente aos espíritos a causa de suas dificuldades e despertando-o para sua responsabilidade pessoal no processo de reforma interior. Aquele que se encontra feliz na terra também precisa do espiritismo, mesmo consciente da imortalidade da alma, a fim de que, com seu estudo, amplie os horizontes de crescimento pessoal e coletivo.

Deus não oferece o mundo material exclusivamente como campo de reparação de equívocos. O campo material, tanto quanto o espiritual, é um lócus de experiências significativas ao espírito. A vida material não é esgotada pela espiritual. Cada experiência no corpo ou fora dele é única, mesmo que inter-relacionada. Viver uma delas com o olhar na outra, sem se ater ao valor da experiência presente, poderá alienar o espírito. É evidente que a vida fora do corpo físico permite maior percepção do espiritual do que dentro dele, porém, isso não deve levar a se viver na matéria com o centro do interesse no além. São instâncias distintas, que oferecem diferentes oportunidades de aprendizagem ao Espírito. A relação entre Matéria e Espírito é problemática e complexa. Em tal relação se estrutura a vida. É nessa relação, quer se esteja encarnado ou desencarnado, que a vida se processa.

É inegável a natureza específica e concreta da vida espiritual. As informações a esse respeito é um legado único que se deve exclusivamente ao espiritismo, mesmo tendo havido, aqui ou ali, encarnados que trouxeram algumas informações a respeito. O espiritismo trouxe para o conhecimento da humanidade o sistema de vida fora da matéria. Deve-se também atentar para o viés de tais sistemas. Cada cultura tem sua organização espiritual própria. Cada médium, ao receber as comunicações a respeito, trará um viés próprio. Pequenas imperfeições decorrem dessa influência inevitável. A idéia básica não sofre modificações, mesmo que a analisemos as diversas comunicações, através dos mais distintos médiuns. A filosofia que se segue na vida espiritual é muito semelhante a que se tem na vida material. Há sempre uma preocupação com o desenvolvimento das pessoas, com a paz, com o amor, dentre outros motivos.

A escolha de um formato teológico para apresentar a imortalidade do Espírito pode ser a mais adequada, porém as razões para tal não são suficientemente claras. Tal formato, considerando a distância que nos separa no tempo, se assemelha à teocracia medieval. A vida espiritual deveria ser apresentada tal qual ocorre e não como se fosse resumida a um grande hospital ou a um vale de lágrimas. É preciso que os espíritos desencarnados utilizem outros enfoques para balizar sua comunicações aos encarnados ou que os médiuns mudem a concepção de mundo e da realidade em que vivem, urgentemente. O “canto da sereia”, que encanta alguns médiuns, atraídos pela fama e pelos apelos da necessidade de consolo de seus admiradores, os leva a se acharem missionários e a transmitir mensagens num padrão salvacionista.

A vida contemplativa, a vida religiosa, a vida pragmática, a vida tecnológica, a vida espiritual parecem caminhos da humanidade ou do Espírito para o aprendizado das leis de Deus. Não parecem contraditórios ou equivocados, mas expressões da vida a serviço do Espírito. Parece que, em cada época da humanidade, o ser humano através de suas crenças e filosofias, busca uma espécie de salvação, como se ele estivesse num caminho equivocado, errando e sendo punido. Com isso ele nega seu momento presente e permanece afirmando um constante retorno a um tempo e a uma situação ideal. O “paraíso perdido” ainda exerce um fascínio muito grande sobre o ser humano. Isto quer dizer que o retorno ao inconsciente ainda é uma tendência primária, quase infantil.

A origem espiritual do ser humano, em contraposição à sua geração material, se assemelha à discussão se a vida tem origem na Terra ou fora dela. É a mesma dialética entre a consciência e o inconsciente. É difícil pensar no Espírito, sem alguma idéia de materialidade. Pela própria condição de terem sido gerados simples e ignorantes, sou levado a crer na simultaneidade da justaposição com algum tipo de matéria que o permitisse aprender. Aos poucos a ciência e o saber humanos vão perceber que a vida espiritual não se originou aqui ou ali, pois a existência de uma morada do Criador é uma metáfora humana.

Idéias filosóficas e considerações metafísicas se constituem em bases hipotéticas para a construção do saber do Espírito. São pressupostos que devem ser úteis nas experiências da vida, não são verdades em si. A consciência, enquanto resultante da apreensão do fato, na experiência, é a mãe da evolução do Espírito, que precisa dessas teorias para apreender os paradigmas das leis de Deus. À medida que evolui, abandona essa ou aquela teoria para incorporar outras. Todas são conhecimentos provisórios.

A visão da consciência é, de um lado, matéria e movimento, do outro, espiritualidade e autoconsciência. A visão do Espírito é, de um lado ele, do outro, Deus. A dialética, inconciliável

em certo nível de evolução, ainda permanece. Em algum momento de sua evolução, o Espírito verá a si mesmo. Será então um novo nascimento.

A revelação transcendente é necessária na religião. Toda religião surge de revelações. O espiritismo é considerado a terceira revelação. Tal idéia vem de um olhar exclusivo para a cultura judaico-cristã, desprezando o oriente. Buda, Lao Tzé, dentre outros, são excluídos nessa visão. É evidente que a humanidade recebe muitas revelações, e nem todas se transformaram em religião. O espiritismo é uma delas. A ordem não importa. Outras revelações surgirão. No espiritismo o fenômeno mediúnico é sua constante revelação, pois se lida com o transcendente na consciência e no contato com o inconsciente a todo o momento. No espiritismo, o *numinoso*, ou seja, o encontro transcendente do ser com o divino em si, é proporcionado pela mediunidade.

Será a filosofia e o filosofar influenciados radicalmente pela política, pela sociedade, pelo comércio e pela religião? Ou é um ato antecipatório a tudo isso? Da mesma forma, será o espiritual influenciado pelos fatores materiais ou antecipatório a eles como se costuma pensar? Talvez se entendêssemos que a sociedade espiritual e a material se interpenetram, não nos preocuparíamos com a causalidade das ocorrências. A busca pela causalidade é uma preocupação da consciência e nem sempre nos conduzirá ao saber.

O espiritismo se propõe a ser a Doutrina Espírita ou simplesmente o neocristianismo? Essa é uma pergunta a ser feita por todos aqueles que se ocupam em difundir os princípios trazidos a partir de Allan Kardec. É lógico que o espiritismo não é apenas um neocristianismo. Seria limitar o conhecimento humano. O desafio é ampliar os horizontes do saber do espírito sem restringi-lo à formação de pessoas evangelizadas, como se fossem sacerdotes. Por outro lado, também é preciso continuar a desmitologizar o cristianismo e a lhe extrair a mensagem essencial nele contida. Algo que Allan Kardec e os espíritos codificadores tentaram. Há, de certa forma, mitos no cristianismo espírita, a exemplo da santificação de espíritos desencarnados, chamados de superiores. Tal mitificação copia o modelo católico de evolução pela santificação. O espiritismo, sem prescindir do Evangelho, deve voltar-se para seus objetivos fundamentais. Deve voltar-se para a realidade existencial do Espírito.

O prêmio ou castigo após a morte é também uma idéia que serve ao equilíbrio do sistema social. Sem esta possibilidade, as religiões não teriam como propor o bem por puro ideal. A recompensa após a morte reforça a idéia, porém limita a evolução. Há que se dar um passo a mais na idéia do sentido da vida no corpo físico. O processo reencarnatório não é punitivo, mas educativo, e terá de merecer alterações quanto à forma de entender o sofrimento, na medida em que o espírito evoluir.

Por um tempo a filosofia esteve em conflito com a religião, muito embora tenham aparecido figuras que tentassem uma conciliação. Da filosofia originou-se a ciência, cujo surgimento contribuiu reativamente o dogmatismo religioso. A alienação que a religião favoreceu fez surgir uma busca desenfreada pelo materialismo. A conciliação de um saber com outro promove a geração de novos campos de conhecimento, modificando os princípios de ambos. A proposta conciliatória do espiritismo certamente vem modificando a ciência, a filosofia e a religião. Por esse fator, encontramos filosofias religiosas, religiões filosóficas, ciência ou saber com roupagem religiosa, ciência com nítida tendência filosófica, filosofia com abordagens científicas e com características de religião. Todos esses movimentos são tentativas de se encontrar um caminho único na direção do Espírito.

Não há dúvidas que o espiritismo vem apresentar uma proposta diferente e ao mesmo tempo complementar à filosofia, tanto quanto à religião. À ciência, porém, apenas quanto ao objeto, deve exercer influência. O espiritismo não esgota a filosofia, pois os questionamentos desta, vão para além da existência do Espírito. Isso não quer dizer que a filosofia seja completa, ou mais completa do que o espiritismo. A existência do Espírito, enquanto individualidade imortal, afirmada categoricamente pelo espiritismo, amplia os horizontes da Filosofia. À religião, a influência é muito maior. Não há religião possível sem a consideração da mediunidade e da imortalidade do Espírito. O Espírito, enquanto individualidade, a reencarnação e a mediunidade, são novos objetos de estudo para as ciências em geral.

A alma, entidade subjetiva representativa do espírito humano e da vida, não definida em seus atributos e em sua estrutura, dogmatizada pela religião, vem sendo gradativamente, desde o século XVI, definida e discutida racional e experimentalmente. Com o advento do espiritismo, a alma se transformou no espírito, dotado de personalidade e conectado a uma sociedade definida. Esse é o

caminho do Espírito, que, utilizando-se da *psiquê* como seu órgão de manifestação, vai aprimorando a realidade a serviço da própria evolução.

O *Livro dos Espíritos* é uma síntese de conhecimentos e, como tal, apresenta conclusões, originadas de idéias e concepções outras que merecem ser conhecidas para que não se estacione no saber. É necessário ir além da síntese; que se vá além do saber apresentado, sem medo de se perder em teorias absurdas, contrárias ao conhecimento já consolidado. Assim ocorre com todas as ciências. Caso tal não seja feito, criar-se-ão dogmas. O saber evolui porque o espírito evolui. A doutrina espírita necessita ampliar seu sistema, a bem da evolução do Espírito.

Quando se compreendem a vida no corpo e a morte como início e fim de um ciclo, dentre muitos outros, na trajetória evolutiva do Espírito, deixa-se de lidar com tais fatos como se fosse uma tragédia coletiva ou individual. Ela é mais individual do que coletiva, pela importância como é sentida pelo indivíduo. A imortalidade do ser sugere isso. A morte, nesse sentido, não é uma tragédia ao Espírito, porém pode se tornar a depender de sua concepção a respeito da própria existência. A morte de alguém não é, portanto, uma tragédia. A grande tragédia ao Espírito é a continuidade de sua ignorância, isto é, é morrer sem aprender o que deveria, naquele corpo. O pior que se pode fazer a alguém é mantê-lo na ignorância. Tal ignorância o mantém na inércia e na ociosidade.

O espiritismo vem inserir o espiritual na razão iluminista e em seu empirismo, tanto quanto na religiosidade claudicante. Suas teses estão sendo gradativamente absorvidas pela ciência, em experimentos que dizem respeito à descoberta do perispírito e em outros que alcançam a subjetividade do comportamento humano. Também, de forma velada, as religiões estão se apropriando do saber e práticas espíritas, alterando seus sistemas e suas propostas aos seus crentes. O Espírito, disse o Cristo, sopra aonde quer, seu sopro é sua inserção no universo de Deus.

Estar encarnado é uma provação, expiação, um sacrifício ao Espírito ou é apenas uma de suas múltiplas experiências multi-existenciais? Nosso olhar sobre a encarnação deverá ser sempre penoso, pesado, difícil e punitivo? Não seria isso reflexo do anseio arquetípico pelo paraíso divino e conseqüente sentimento de queda dele? Tal sensação provoca a idéia de que a Vida nos deve estar sempre presenteando ou favorecendo a ociosidade. Claro que a vida é complexa e exige ação, discernimento e conectividade, porém o estágio de evolução que o ser humano já alcançou não lhe permite mais se colocar como uma criança medrosa e assustada. A Vida impõe adulez, coragem e abertura para o novo.

Viver é experienciar, é trabalhar as próprias emoções, colocando-as nos campos e dimensões da vida.

A reforma íntima pregada pelo espiritismo só poderá ser exequível na medida em que se aprofunde sobre o conceito de íntimo e sobre o que é que deve ser reformado. É íntimo por que profundo, interno, inconsciente e consciente, corajosamente e individualmente feito. É reforma porque deve alterar o que já existe. É modificar conceitos pré-estabelecidos e coletivamente aceitos. Tal reforma não se esgota com as propostas espíritas. É algo contínuo, para além do espiritismo.

A psicologia tornou-se uma ciência em fins do Século XIX, cujo objeto principal é o comportamento humano. Não é a ciência da “alma”, como o termo sugere, em que pese estar estudando aspectos que envolvem a fronteira entre o concreto e o subjetivo. Suas escolas variam de objeto, mas nenhuma delas considera a existência do Espírito ou mesmo do perispírito. Seria preciso criar, portanto, uma nova ciência que delineasse melhor um objeto de estudo, alcançando a realidade espiritual. Uma psicologia do Espírito poderia açambarcar todas as possibilidades, porém seria muito ampla e excessivamente subjetiva. Proponho uma *Psiquismologia*, isto é, uma ciência que se ocupe em estudar o psiquismo humano e suas relações com o corpo e com o espírito. Algo intermediário entre a psicologia do comportamento humano enquanto ser encarnado e a psicologia do Espírito. Ela se ocuparia em estudar o funcionamento do aparelho psíquico e seus processos, os quais são relevantes à compreensão da verdadeira natureza humana.

Só historicamente e etimologicamente a psicologia deve ser considerada a ciência da alma. Ela nunca o foi, mesmo que encontremos aqui ou ali registros de pensadores com a disposição em fazê-la. A psicologia é ciência do comportamento humano. A ciência da alma agora é o espiritismo, que se ocupa exatamente de estudar o objeto atribuído à psicologia.

A psicanálise é uma escola da psicologia baseada nos princípios de Sigmund Freud, cujos conceitos principais são: inconsciente, *ego*, *id* e *superego*. Nela, o fator motivacional e gerador de angústias, neuroses e psicoses se encontra na libido ou sexualidade. A psicanálise determinou um novo rumo à psicologia, então restrita ao comportamento de um organismo, observado de forma rigorosamente matemática. A psicologia era principalmente fisiologia antes da psicanálise. Foram fundamentais ao desenvolvimento da psicanálise as idéias da catarse, oriundas de Aristóteles, Santo Agostinho, Breuer e outros, da livre associação e da conscientização dos conteúdos inconscientes. Infelizmente sua prospecção só vai até a infância. O Século XIX tinha uma proposição também hedonista (os seres humanos eram motivados para obter o prazer e evitar a dor). Isso influenciou a psicanálise, bem como o evolucionismo de darwiniano.

O espiritismo, tanto quanto a psicanálise, provocaram o desenvolvimento da Psicologia. O primeiro, por se insurgir contra a tentativa dos estudiosos da psicologia em negar a existência do espírito em suas experiências; a segunda, pelo avanço fundamental nos estudos a respeito do inconsciente humano. O viés comportamental da psicologia do século XX, que excluiu a análise do fenômeno mediúnico do campo da ciência, contribuiu para que este e o espírito imortal se tornassem objetos de estudos específicos do espiritismo. Nenhum saber humano se ocupa do que estuda o espiritismo: o Espírito e a realidade espiritual.

Por ser tão vasto o campo de alcance da Psicologia, é possível encontrar profissionais que a ela se dedicam atuando em escolas, clínicas psiquiátricas, hospitais, empresas, locais de lazer e de repouso, consultórios de psicoterapia, etc. Tais campos de atuação não apresentam uniformidade quanto aos paradigmas psicológicos envolvidos. Devido a tais fatores e à própria natureza da *psiquê*, a psicologia é uma ciência que ainda não finalizou seu processo de consolidação.

Psicologia e espiritismo são conhecimentos distintos, tanto quanto têm pressupostos e paradigmas distanciados por contextos diferentes. A psicologia, por muito tempo seguiu a escola alemã e a inglesa, fundamentadas no empirismo clássico, responsáveis por duas grandes correntes surgidas no século XX: a psicanálise e o behaviorismo. O espiritismo, por outro lado, seguiu a escola racionalista francesa, da observação e da experimentação. Ambos, espiritismo e psicologia são segmentos do saber humano e tratam de questões psicológicas; o primeiro, tem sido considerado como pertencente ao conhecimento religioso e o segundo, ao conhecimento científico. O primeiro é explorado nos Centros Espíritas, o segundo, nas Universidades. As fronteiras entre esses dois campos foram muito bem definidas, com ênfase radical na segregação por parte das academias, sem que se observasse o mesmo por parte dos órgãos de divulgação do espiritismo. Muito embora essa segregação proposital continue a ocorrer, cada vez mais eles estão se tocando a partir de eventos fronteiros de difícil apreensão exclusiva por qualquer um dos campos.

No final de século XX começou a aparecer uma zona de confluência que parecia aproximar, nas práticas adotadas, as duas áreas. Essa zona se situa no campo clínico e terapêutico de ambos. Adiante da psicologia, o espiritismo vem propondo a causalidade dos conflitos atuais como oriundos de experiências passadas, em vidas anteriores. Corroborando essa afirmação, consultórios clínicos em vários países e principalmente nos Estados Unidos, têm oferecido rico material encontrado pelos psicoterapeutas e que foram publicados, oriundos de suas experiências com regressão de memória. O resultado disso é uma avalanche de terapeutas, no Brasil e outros países, que praticam a chamada Terapia de Vidas Passadas ou Regressiva a Vivências Passadas. Proliferam os cursos de formação de terapeutas nessa prática. Dada a falta de estudos técnicos mais fundamentados, muitos equívocos são cometidos e poucos resultados são obtidos. A maioria daqueles terapeutas ignora o que diz o espiritismo sobre o assunto, no tocante aos conhecimentos sobre reencarnação.

A psicologia clínica e o espiritismo começam a tratar de temas semelhantes e, em alguns casos, utilizando as mesmas práticas. Muito embora a regressão de memória seja largamente utilizada nas práticas mediúnicas de atendimento terapêutico a desencarnados, ela não é aplicada no auxílio aos conflitos dos encarnados que buscam os Centros Espíritas.

Assim como a regressão de memória, a mediunidade também tem sido tratada com certo desdém pelas academias, o que favorece o charlatanismo e o despreparo pelos que dela se utilizam como instrumento de cura dos conflitos humanos. Mesmo assim, ela tem sido percebida pela prática clínica

psicológica como justificativa para certos casos de esquizofrenia, de transtornos mentais, de psicoses e outras afecções psíquicas.

A mediunidade teve seu conceito estabelecido por Allan Kardec quando escreveu a respeito de seu portador que “*Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium.*”¹², concluindo que ela é inerente ao ser humano, não se constituindo em privilégio exclusivo.

Evidentemente que esse conceito não é suficiente para uma visão clara do que seja a mediunidade. Sua definição está atrelada a de outro conceito que merece compreensão adequada. Não se pode falar em mediunidade sem se colocar a existência do espírito como fato incontestável. Dessa forma, é preciso partir do princípio que a mediunidade permite a percepção de uma ordem de fenômenos cujas causas não são atribuíveis exclusivamente à ação da mente humana.

Tanto a psicologia quanto o espiritismo se referem a *psiquê* humana, porém o fazem considerando paradigmas distintos. Pretender negar o fenômeno mediúnic, como o faz a maioria das escolas psicológicas, proporciona seu distanciamento em alcançar a fronteira do saber. Por outro lado, negar os processos psíquicos e suas interferências nos espirituais proporciona a privação do entendimento sobre os mecanismos psíquicos, através dos quais o espiritual se manifesta.

A psicologia não deve se tornar espírita, porém o espiritismo, sem que o force, é pura ciência de natureza psicológica. A obsessão, se estudada meticolosamente, penetrará em questões médicas e psicológicas até então relegadas ao fisiologismo materialista.

No estudo dos processos chamados psicóticos e dos transtornos psíquicos, o espiritismo também se aproxima da psiquiatria, quando terapêuticamente busca solucionar o que considera do domínio da obsessão. Enquanto a psicologia e a psiquiatria consideram que todos os transtornos psíquicos têm sua origem na *psiquê* e no complexo sistema cerebral, o espiritismo enquadrará a maioria deles como decorrentes de influências espirituais e de processos *cármicos*.

A ciência transita entre o conhecido e o desconhecido. Busca investigar, descrever, conceituar e experienciar tudo que lhe pareça relevante. Nada deve ficar obscuro. Tudo deve merecer sua explicação lógica. Não basta conceituar ou mesmo, a partir de conceitos pré-estabelecidos, limitar-se a considerar os fatos como explicados por si só. Embora esse seja o lema da ciência, ela, porém, não tem sido neutra quando investiga os fenômenos espíritas. Há distanciamento cauteloso, e, às vezes, medroso, quando se depara com fenômenos que parecem subverter a ordem científica. Ciência é um senso coletivo e não uma verdade universal. O preconceito coletivo a afastou de ir ao encontro do Espírito.

Ao colocar o subtítulo de ‘Jornal de Estudos Psicológicos’ à Revista Espírita, em 1858, Allan Kardec argumentava que assim o fazia “a fim de dar a compreender toda a sua importância”¹³, isto é, o quanto era fundamental estudar os fenômenos espíritas como parte dos processos psicológicos humanos. Ele solicitava colaborações à Revista sobre assuntos que envolvessem “fenômenos psicológicos particulares, que por vezes ocorrem no momento da morte” e também assuntos contendo “problemas morais e psicológicos a resolver”.

O termo psicológico, derivado de *psiquê* (alma, mente, ‘sopro de vida’), criado no Século XVI, era útil à intenção de que os fenômenos fossem relacionados à idéia de mente, alma ou espírito. Allan Kardec foi muito feliz na correlação pretendida, visto que o fenômeno espírita é, antes de tudo, um fato psicológico por natureza. Provavelmente, sem intenção e talvez sem obter êxito, a utilização de uma palavra derivada de *psiquê* visava tentar evitar que a psicologia, então ciência incipiente, resvasse para o materialismo. Ou mesmo por querer que o espiritismo alcançasse aquilo que era pretendido pela psicologia que surgia em sua época.

Na Revista Espírita de abril de 1858, Allan Kardec afirmou que o espiritismo iniciou o Período Psicológico da humanidade em paralelo ao Período Científico do progresso das ciências físicas e matemáticas. Ele se congratulou com um assinante da revista que através de uma carta, afirma va a entrada da humanidade no período psicológico.

É importante considerar que, quando Allan Kardec iniciou seus estudos sobre os fenômenos espíritas, a psicologia sequer era uma ciência e muito menos se ocupava da subjetividade humana. O

¹² O Livro dos Médiuns, 52ª Edição, Allan Kardec, FEB, Cap XIV, item 159.

¹³ Revista Espírita, Allan Kardec, Janeiro de 1858, p. 5, Edicel.

que se falava de psicologia, na década de cinquenta do Século XIX, provinha dos escritos de Herbert Spencer (1820 – 1903), que versavam sobre uma certa Filosofia Sintética, cujo conteúdo teorizava a respeito da evolução das espécies. Spencer considerava que “à medida que o sistema nervoso evolui em espécies cada vez mais complexas, ocorre um aumento correspondente na riqueza e na variedade de experiências a que o organismo é exposto”¹⁴. Portanto, a psicologia reinante era mais animal do que humana e mais fisiológica do que metafísica. Não é equívoco afirmar que não havia uma psicologia tal qual hoje se compreende. Spencer escreveu em 1855, à mesma época que Allan Kardec passou a presenciar os fenômenos das mesas girantes na casa da Sra. Plainemaison, dois volumes de sua obra, intitulados *Princípios de Psicologia*. Nesses dois volumes¹⁵ ele “discute a noção de que a mente tem a sua forma atual devido a esforços passados e presentes de adaptação a vários ambientes.” Dizia que “uma crescente complexidade de experiências e, por conseguinte, de comportamento, é parte do processo evolutivo da necessidade que um organismo tem de se adaptar ao seu ambiente para sobreviver.”

Como se vê a psicologia se preocupava com o desenvolvimento e a adaptação do ser humano ao seu meio, sem ocupar-se de seus processos inconscientes ou subjetivos. A psicologia de Spencer se ocupava da evolução das espécies, visto que, a temática de Darwin e de Wallace estava efervescendo à época. Allan Kardec propunha uma psicologia geral que englobasse os fenômenos mediúnicos. O espiritismo veio colaborar sobremaneira para que a psicologia saísse da fisiologia funcional em direção a uma psicologia do inconsciente.

É bom lembrar que Jung sequer tinha nascido e Freud era uma criança de dois anos quando Allan Kardec utilizou o termo psicológico em seu jornal.

A citação à psicologia na obra de Allan Kardec o coloca como um dos precursores da ciência psicológica moderna. Em vários pontos de sua obra se observa a preocupação em vincular a psicologia ao conteúdo do espiritismo. Em *O Livro dos Espíritos*, na Introdução, Allan Kardec já se referia ao conteúdo das comunicações obtidas nas sessões de mesas girantes, nas quais se utilizava um lápis preso a uma cestinha, trazendo “altas questões (...) de psicologia”. Na pergunta 145 do referido livro, Allan Kardec questiona, insinuando que a “ciência psicológica” é a temática do próprio livro, qual a causa de não se encontrar entre os filósofos tais assuntos. Allan Kardec também apontava a pluralidade das existências, na pergunta 222, como solução para os “problemas psicológicos”. Na questão 455, tratando sobre o sonambulismo e sugerindo que ele “é uma luz projetada sobre a psicologia”, esclarece que há distinção entre o espiritismo e o “fenômeno psicológico”. Porém, nessa mesma questão, que chama de “Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da dupla vista”, ele também sugere uma certa identidade entre a psicologia e o espiritismo ao afirmar que “Deus cotidianamente nos põe sob os olhos e ao alcance da mão os mais simples e patentes meios de estudarmos a psicologia experimental.” No item VIII da Conclusão do mesmo livro ele afirma que os espíritos “trazem-nos a definição dos mais abstratos problemas da psicologia”.

Em *O Livro dos Médiuns*, no item 225 do capítulo XIX, que trata do papel dos médiuns nas comunicações espíritas, há um parágrafo de uma dissertação dada por um espírito superior, no qual ele chama os fenômenos espirituais de “puramente psicológicos”. Adiante, no capítulo XXV, ao ser questionado sobre a evocação de encarnados, um espírito afirma que “a evocação das pessoas vivas só tem interesse como estudo psicológico”. No item 344 do capítulo XXIX, que trata das reuniões e das sociedades espíritas, Allan Kardec escreve que se deve propor “questões psicológicas” aos espíritos elevados.

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo” não há qualquer menção à psicologia, porém, um mês após sua publicação, na Revista Espírita de maio de 1864, Allan Kardec afirma que o espiritismo “Apóia-se na psicologia experimental”. Aqui o termo psicologia parece ser empregado como estudo da alma, o que efetivamente o espiritismo é. Experimental sim, pois Allan Kardec incluía os fenômenos mediúnicos na ordem dos fenômenos psicológicos passíveis de experimentação. Hoje já se faz distinção entre os termos.

¹⁴ História da Psicologia Moderna, Schultz e Schultz, p. 147, Ed. Cultrix, 1981.

¹⁵ Idem.

No livro *O Céu e o Inferno*, em 1865, na primeira parte do capítulo III, Allan Kardec chama o espiritismo de ciência psicológica, colocando que só seria possível o ser humano identificar-se com a vida espiritual após seus progressos.

Em 1868, em *A Gênese*, escrevendo sobre o Caráter da Revelação Espírita, Allan Kardec afirma que “*O perispírito representa importantíssimo papel no organismo e numa multidão de afecções, que se ligam à fisiologia, assim como à psicologia*”. Aqui Allan Kardec defende a vinculação do perispírito aos processos psicológicos. Tema que trato em meu livro *Psicologia do Espírito*.

Faço este levantamento no intuito de mostrar que, muito provavelmente, os estudiosos da psicologia nascente, após a metade do século XIX, preocuparam-se em estabelecer distinções entre os fenômenos mediúnicos e os psicológicos, então atribuídos ao inconsciente. Pode-se perceber, em certo sentido, que os equívocos cometidos por eles se devem à tendência dogmática, como reação típica, às teses espiritualistas, e por que não dizer, espíritas. Na vã tentativa de negar os processos mediúnicos e os princípios espirituais nascentes, criaram uma ciência que se afastou da alma. A psicologia, pensada como um saber sobre a natureza essencial do ser humano, tornou-se ciência do comportamento. Essa alternativa se deve, em parte, à necessidade de opor-se ao espiritismo.

O aparelho psíquico humano possui uma demanda necessária de crescimento quanto a sua complexidade. Segue o desejo do Espírito, que necessita de um implemento cada vez mais complexo em seu processo de aquisição contínuo das leis de Deus. Ele é moldável e suas estruturas se alteram a partir das experiências do ser em evolução. A *psiquê* ou aparelho psíquico não é uma individualidade à parte e independente do Espírito, mas possui um processo de desenvolvimento autônomo e outro de acordo com a vontade do Espírito. É um órgão que tem seu próprio automatismo. A mente ou *psiquê*, une as sensações e lhes oferece um símbolo como resposta ou consequência. Assim como o corpo físico evoluiu ao longo da história, o mesmo ocorreu com a *psiquê*, que tem se modificado a serviço do Espírito. Seria inadmissível pensar numa *psiquê* rígida, que não acompanhasse flexivelmente as transformações do Espírito.

O pensamento é uma forma de manifestação da *psiquê*, que obedece a vontade do Espírito, do qual recebe um sentido ordenador. Ele é gerado automaticamente na *psiquê*, sendo-lhe subproduto. Há limites para a *psiquê*, porém ela é como uma semente em crescimento, que, pouco a pouco, vai se transformando numa árvore forte e firme, a serviço da vida.

Os processos psíquicos executados na *psiquê* ocorrem de tríplice forma: automáticos, isto é, sem a intenção do Espírito e, portanto inconscientes à personalidade, visto que ela é um órgão; conscientes em relação ao Espírito; e, comandados pelo *ego*, ou conscientes à personalidade. Difícil é saber separar tais eventos na *psiquê*, devido a seu caráter de ser um todo indivisível.

A psicologia experimental (Wundt) começou com a preocupação sobre o que era consciente, isto é, o processo de tomada de consciência de um estímulo orgânico, através da introspecção. O estruturalismo, que sucedeu a Wundt, perdeu-se em observar apenas o sistema nervoso, confundindo-o com a mente. O funcionalismo se preocupou com o funcionamento da mente, isto é, em entender como os processos mentais se realizam. Ele deu origem aos testes psicológicos e aos psicométricos. As idéias evolucionistas de Darwin fomentaram as pesquisas em animais, por conta da certeza de que a mente humana era produto da evolução de uma mente inferior. Aos poucos a psicologia foi se aproximando timidamente do aparelho psíquico, porém sem alcançar sua natureza perispiritual.

Por mais que se alcance uma compreensão maior a respeito do mundo e de si mesmo, ficará ainda e sempre o limite dos paradigmas que constroem os sistemas do conhecimento. Os limites do pensar, da linguagem, do sistema teórico e os decorrentes do fato de o espírito não ser o Criador, sempre estarão entre o ser e a realidade. A *psiquê* evoluirá a serviço do Espírito até que este prescindida dela e isso demandará muito tempo na evolução.

A evolução do espírito atravessa fases e dimensões de acordo com o ângulo de análise. Pode-se concebê-la a partir das experiências vivenciadas e da capacidade do aparelho psíquico para fornecer os paradigmas das leis de Deus ao Espírito. A seguir uma síntese dessas fases, de acordo com o grau de consciência do ser encarnado.

1. *Psiquê* primitiva inconsciente – consolidação da consciência de si, em processo de separação da natureza para a construção do *ego*. Formação de grupos tribais para a consciência coletiva e confirmação do saber sobre a natureza. *Psiquê* com amplo campo inconsciente, imprevisível, amorfa,

obscura, extremamente moldável e flexível, hetero-centrada, contemplativa, ignorante, dotada de extrema capacidade simbólica e limitadíssimo campo da consciência, sem *ego*.

2. **Psiquê consciente projetiva** – descoberta do mundo como projeção de si mesmo. Desenvolvimento da filosofia pré-medieval. Definição do campo da consciência, diferenciação do *ego* e não *ego*, estruturação do *ego*-função. Formação de símbolos mais duradouros, percepção do outro, início da identidade, consciência do mundo e consciência da inferioridade. Consciência de Deus projetada em objetos externos.

3. **Psiquê desperta para o divino** – consciência de Deus em si mesmo. Predomínio da teologia filosófica. Período que culmina com o racionalismo. Início da consciência da existência de Deus como causa primeira, espaço psíquico para a percepção de Deus, divinização do medo.

4. **Psiquê racional auto-consciente** – consolidação do *ego* em relação ao *Self*. *Ego*-identidade sobrepondo-se ao *ego*-função. Racionalismo enraizado na consciência. Iluminismo positivista na consciência coletiva. Ciência empírica tecnológica em apoio à racionalidade e à espiritualidade. Auto-explicação, consciência da organicidade, domínio do tempo e do espaço, percepção do inconsciente, consolidação do *ego*-identidade.

5. **Psiquê autônoma** – processo pleno de espiritualização e desenraizamento dos limites corporais e espirituais mais próximos da terra. Ampliação do domínio do espírito e a superação do mundo terreno e material. Entrada na vida espiritual mais ampla, sem os medos e limites. Espiritualismo como forma de convivência social. Absorção integral das teses espíritas. Consciência do Eu divino, identidade com o *Self* e total autodeterminação.

Nosso pensar, enquanto espíritos vinculados ao planeta terra e regiões vizinhas, é condicionado a determinados paradigmas e possui limites de acordo com a evolução dos que aqui vivem. O sistema psíquico da terra abarca tudo que signifique o modo como as coisas funcionam nela. Seriam os princípios gerais do modo como as coisas ocorrem. Alguns pressupostos podem ser vistos através da observação sobre: a) como as coisas funcionam através de trocas energéticas; b) a dualidade como forma de percepção da realidade (a mente vê entre polaridades); c) como prevalece a vitória do mais apto dentro do sistema; d) como as regras, normas ou leis existem em intervalos ou níveis diversos; e) como nos diferentes níveis as coisas podem ser reduzidas a polaridades simples (sistema binário).

A história da evolução humana é também a do desenvolvimento coletivo e da ampliação da diferenciação entre o espírito e a *psiquê*, enquanto órgão funcional de manifestação. À medida que o Espírito evolui, ele molda seu aparelho perispiritual (*psiquê*) o qual, cada vez mais o capacita a outras possibilidades de aquisição das leis de Deus. A história da evolução espiritual e anímica é a mesma da criação do aparelho psíquico. Além das faculdades intelectuais que o Espírito adquire em suas experiências, constrói uma *psiquê* cada vez mais equipada para possibilidades de aprendizagem maiores.

As idéias dos filósofos, as quais ampliavam as possibilidades da *psiquê* em atender às exigências do Espírito surgidas nas mais diversas épocas, seguiam, também, um processo supra-arquetípico. Esse processo tem sido chamado de Plano Divino. Claro que todos os processos do universo fazem parte dele, porém, aquele ao qual estou me referindo é um dos que se encontram entre o automatismo psíquico e o determinismo divino. As individualidades que as geraram seguiam, sem o saber, um molde arquetípico superior, portanto pensaram e elaboraram suas idéias seguindo um modelo coletivo maior do que o social. Tal molde não implica um determinismo criativo, nem tampouco uma anulação da originalidade. Parece que não se pode pensar fora de certos limites, os quais não pertencem à individualidade nem à coletividade. São limites estabelecidos por leis que, por enquanto, são desconhecidas do Espírito. O livre-arbítrio é limitado por alguma instância superior. Trata-se de um processo supra-arquetípico, pois não se encontra no inconsciente coletivo, mas nas estruturas supra-humanas e espirituais do universo que estão diretamente conectados aos arquétipos do inconsciente coletivo. São determinantes ultrapsíquicos, os quais se encontram conectados à *psiquê* e, ao mesmo tempo, são externos a ela. O supra-arquetipo ocorre em paralelo ao arquétipo e parecem guardar uma relação interdependente entre si. Um interfere no outro. Eles se retro-alimentam.

Os arquétipos são estruturas *a priori* à formação do corpo humano e modificáveis ao longo do processo de evolução do Espírito, sendo-lhe instrumentos para a canalização do impulso criador inato. Não são imutáveis, mas imprescindíveis à aquisição das leis de Deus. São elementos estruturais da

psiquê, construídos no contato do Espírito com a matéria e com tudo o mais que lhe seja externo. Formam-se no perispírito e à medida que este vai sendo gerado. Condicionam o Espírito a dirigir sua vontade a partir de tendências padronizadas, de acordo com as experiências milenares da humanidade. São determinantes estruturais dos sentimentos, pensamentos e ações humanos.

O conhecimento das teses propostas pelo espiritismo traz novas possibilidades de ampliação da *psiquê* para que o Espírito continue seu processo de capacitação em sua evolução infinita. Ele detém a visão ampla da própria existência, incluindo a vida espiritual como dimensão. Quanto mais a *psiquê* estiver em contato com essa dimensão, sem alienar o *ego* da vida material, maior capacitação terá para atender às necessidades do Espírito.

O Espírito não está na matéria, seja ela orgânica ou exclusivamente perispiritual, pois estes são estados vibracionais. Em sua evolução, deve-se perceber como é autônomo em relação ao universo, e, tudo que nele vier a experimentar, a realizar, a construir, autoconhecer-se, autodeterminar-se, cada vez mais o aproximará do que desconhecia, portanto, de si mesmo e de Deus. Sempre estará diante do incognoscível. Enquanto estiver submetido aos limites da linguagem e do pensamento se sentirá inferior e pobre. As explicações teológicas, metafísicas, racionais, empiristas, dentre outras, correspondem a estágios de desenvolvimento espiritual do ser humano e são reflexos das condições estruturais da *psiquê* perispiritual. **Deve o ser humano, encarnado ou desencarnado, alcançar sua mais íntima essência, que, sem dúvida nenhuma, é o que existe de mais belo na natureza, o amor.**